

A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MARÇO DE 1997



ATLAHONA



NA CAPA:

Ricky e Celia Wong da Estaca Hong Kong Tolo Harbor, com seus filhos (a partir da esquerda) Ngai-lam, Hei-lam e Ho-yan e a mãe de Celia, Keung Sin Suk-oi. (Fotografias da capa e da última capa tiradas por Craig Dimond, exceto quando indicado.)

CAPA DA SEÇÃO INFANTIL:

Nossa Primeira Escola Dominical nas Montanhas Rochosas, de Arnold Friberg. Richard Ballantyne, aqui retratado, organizou e foi o professor da primeira classe da Escola Dominical da Igreja em 1849, dois anos depois de os santos entrarem no Vale do Lago Salgado.

ARTIGOS

- 2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DE PRESTAR TESTEMUNHO PRESIDENTE JAMES E. FAUST
- 18 BRIGHAM YOUNG: COM GRANDE DETERMINAÇÃO RONALD K. ESPLIN
- 26 EM MEIO À BALBÚRDIA JENS JENSEN E PAUL CONNERS
- 30 SUFICIENTEMENTE QUIETO PARA OUVIR
- 34 UM SONHO QUE SE TORNA REALIDADE EM HONG KONG KELLENE RICKS ADAMS
- 44 FALEI A RESPEITO DE MINHA FÉ NINA BAZARSKAYA E VALERIE PARKER

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

- 7 "TODAS AS NAÇÕES (. . .) SERÃO ABENÇOADAS"
- 10 NO TOPO DO MUNDO WILLIE HOLDMAN E RICHARD M. ROMNEY
- 28 NAS ASAS DA FÉ VIKI A. GROBERG
- 46 NÃO SÃO AS PALAVRAS DE UM HOMEM ÉLDER M. RUSSELL BALLARD

DEPARTAMENTOS

- 1 COMENTÁRIOS
- 16 PALAVRAS DO PROFETA VIVO
- 25 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: ACREDITAR E PERSEVERAR
- 33 MENSAGEM MÓRMON: UMA SÓ VEZ PODE FERIR

SEÇÃO INFANTIL

- 2 ORAR SEMPRE PATRICIA P. PINEGAR
- 4 FICÇÃO: A LISTA DE HAROLDO DIANE L. MANGUM
- 8 TEMPO DE COMPARTILHAR: MINHAS DECISÕES TÊM SUAS CONSEQÜÊNCIAS KAREN ASHTON
- 10 PARA OS AMIGUINHOS: ESCOLHA O CERTO CORLISS CLAYTON
- 12 MÚSICA: PRA SER UM PIONEIRO RUTH MUIR GARDNER E VANJA Y. WATKINS
- 14 ESTUDANDO: REUNIÃO DE SANTOS SHERRIE JOHNSON



A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring.

Editor: Jack H. Goaslind

Consultores: L. Lionel Kendrick, Wm. Rolfe Kerr

Administradores do Departamento de Currículo:

Diretor Gerente: Ronald L. Knighton

Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly

Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Equipe Editorial:

Editor Gerente: Marvin K. Gardner

Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson

Editores Adjuntos: David Mitchell, DeAnne Walker

Assistente Editorial: Jenifer Greenwood

Coordenadora Editorial e de Produção: Maryann Martindale

Assistente de Publicações: Beth Dayley

Equipe de Diagramação:

Gerente Gráfica da Revista: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott D Van Kampen

Diagramação: Sharrri Cook

Gerente de Produção: Jane Ann Peters

Produção: Reginald J. Christensen, Denise Kirby, Matthew H. Maxwell

Equipe de Assinaturas:

Diretor: Kay W. Briggs

Gerente de Circulação: Kris Christensen

Gerente: Joyce Hansen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Luiz Alberto Andrade Silva (Reg. 17.605)

Tradução: Reynaldo J. Pagura

Notícias Locais: Antônio Fernandes Macedo

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do DPF, sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

ASSINATURAS: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada a:

Departamento de Assinaturas de A Liahona
Caixa Postal 26023
05599-970 – São Paulo, SP

Preço da assinatura anual para o Brasil: R\$ 15,00.

Preço por exemplar em nossa agência: R\$ 1,50.

Para Portugal – Centro de Distribuição Portugal,
Rua Ferreira de Castro, 10 – Miratejo, 2800 – Almada.
Assinatura Anual: 1.300\$00; Para o exterior: Exemplar avulso: US\$ 3,00, Assinatura: US\$ 30,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – ©1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. A edição brasileira de "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme a Decreto nº4857, de 9-11-1930. "International Magazines" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são publicadas mensalmente em chinês, dinamarquês, holandês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, somalo, espanhol, sueco, e tonganês; seis vezes por ano em indonésio e tailandês; e trimestralmente em búlgaro, checo, húngaro, islandês e russo. Impressão: ULTRAPRINT Imprensora Ltda. – Rua Bresser, 1224 – Brás – São Paulo – SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindos as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional de "International Magazines". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 – 05512-300 – São Paulo – SP. Telefone (011) 818-0344.

The A LIAHONA (ISSN 1044-3428) is published by The Church of Jesus Christ of latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. USA and Canadian subscription price \$9.00 per year. Sixty days' notice required for change of address. Include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send USA and Canadian subscriptions and queries to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, P.O. Box 26368, Salt Lake City, Utah 84126-0368, USA. Subscription helpline telephone number: 1-800-453-3860. U.S. Ext. 2947; Canada Ext. 2031. Periodicals postage paid at Salt Lake City.

Printed in Brazil.

POSTMASTER: Send address changes to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, P.O. Box 26368, Salt Lake City, Utah 84126-0368, USA.

COMENTÁRIOS

RESPEITO POR TODAS AS CULTURAS

Fui batizado no Peru, minha terra natal, aos 15 anos. Estou atualmente servindo na Missão Rússia Moscou. Em meu país, os membros da Igreja crêem no evangelho e sabem que ele nos ajuda a sermos felizes aqui na Terra. Na Rússia há muitos membros maravilhosos da Igreja que também acreditam nas mesmas coisas.

Como missionário tenho amigos e companheiros de missão vindos de muitos países. Sei que é muito importante que os pais, professores e governos ensinem respeito e amor a todas as nações e culturas.

Testifico que Jesus Cristo vive. Amo minha família e meu próximo. Lembro a todos que amem o próximo como a si mesmos.

*Elder J. Condori,
Missão Rússia Moscou.*



FORTALECE E UNE

A Liahona aproxima os membros da Igreja de todo o mundo, fortalecendo-nos e nos unindo. Uma das maneiras pelas quais isso acontece é permitindo-nos falar de nossas experiências com o evangelho de Jesus Cristo. Aprendi muito, por exemplo, ao ler o artigo sobre Papua Nova Guiné, no número de agosto de 1995. Ler a revista faz-me lembrar que o evangelho está realmente sendo "proclamado a toda nação, tribo, língua e povo". (D&C 133:37)

*José Ferreira Sobrinho,
Ala Arapiraca II,
Estaca Arapiraca Brasil.*



EDIFICAR O TESTEMUNHO

Desde que meu filho nasceu, tenho lido para ele a seção infantil, todos os meses. Não sei se sempre entendeu as palavras, mas seu sorriso me confirma que ele gosta de aprender a respeito do evangelho de Jesus Cristo.

Meu filho tem atualmente três anos e gosta muito da seção infantil. Ele adora representar as histórias de Néfi, suas favoritas.

Ler a Liahona (espanhol) é um modo de fortalecer os laços de amor entre pais e filhos. Estou também muito grata pelas idéias do Tempo de Compartilhar porque quando fazemos as atividades juntos, temos experiências espirituais valiosas que edificam o testemunho de meu filho.

*Anabel Juarez de Mera,
Ala de Tula,
Estaca de Tula México.*

UM BOM HÁBITO

Para mim é realmente uma bênção e uma inspiração fazer da leitura de a Liahona (inglês) um hábito e ponderar a respeito do que leio. Sei que a revista contém verdades que precisamos em nossa vida, e que, se procurarmos aplicar o conhecimento obtido, nossa existência será abençoada.

*Sonia C. Gomez,
Ramo de Bagac,
Distrito Morong Filipinas.*



A Importância de Prestar Testemunho

Presidente James E. Faust

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Em outubro próximo completam-se 25 anos desde que fui chamado como Autoridade Geral e 19 anos desde que fui chamado para o Quórum dos Doze Apóstolos. Meditei muito sobre o que aconteceu nesses anos. Também pensei bastante a respeito do que devo procurar realizar no restante de meu ministério aqui na Terra. Em outras palavras, tenho procurado dedicar este ano a prestar testemunho como parte do que ensino. Espero fazer com que todos os anos que me restam na vida sejam dedicados a prestar testemunho.

Nesse espírito, quero falar sobre como é importante que cada um de nós preste testemunho. Prestamos testemunho não apenas com nossas palavras, mas também pelo modo como vivemos. Meu discurso baseia-se na mensagem de Paulo aos romanos: “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego”. (Romanos 1:16)

Meu bisavô, Henry Jacob Faust, nasceu em um pequeno povoado chamado



PAULO NO CAMINHO DE DAMASCO,
DE FRANK SOLTESZ; USADO COM PERMISSÃO DA
THE PROVIDENCE LITHOGRAPH COMPANY

**“Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego.”
(Romanos 1:16)**

Heddesheim, na Renânia, Prússia. Sua família mudou-se mais tarde para os Estados Unidos. Meu bisavô Faust passou por Salt Lake City a caminho do oeste, para onde ia em busca de fortuna nas minas de ouro da Califórnia. Ao atravessar o sul de Utah, parou junto a um poço em uma pequena cidade chamada Fillmore. Ali, conheceu uma jovem chamada Elsie Ann Akerley. Meu bisavô não era membro da Igreja. A jovem era. Ela havia cruzado as planícies com os pioneiros. Em pouco tempo, apaixonaram-se um pelo outro. Meu bisavô foi para a Califórnia, lá permanecendo apenas o tempo necessário para juntar ouro suficiente para uma aliança de casamento. Voltou então para Fillmore, onde ele e Elsie se casaram.

Meu bisavô não foi convertido à Igreja pelos missionários. Creio que sua conversão ocorreu principalmente por causa do testemunho da jovem que conheceu junto ao poço, em Fillmore. Mais tarde, meu bisavô foi designado pelo Presidente Brigham Young como o primeiro bispo de Corinne, Utah. Nessa época, meu bisavô estava trabalhando na construção da estrada de ferro que passaria por Utah. Sou grato por minha bisavó, Elsie Ann Akerley, que quando jovem prestou seu testemunho a um rapaz desconhecido vindo da Alemanha, Henry Jacob Faust, ajudando a convertê-lo à Igreja.

Mencionei que também prestamos testemunho pelo modo como vivemos. Durante a Segunda Guerra Mundial, servi em um acampamento do exército na Pensilvânia. Frequentava uma pequena ala, na qual também morava o patriarca da estaca. Seu nome era William G. Stoops. O irmão Stoops trabalhava em uma oficina de motores, na pequena cidade de Waynesboro, Pensilvânia. Todos chamavam-no de "Pappy". Ele era um membro da Igreja bondoso, gentil, maravilhoso e exemplar. Todos que o conheciam respeitavam-no e admiravam-no. Certa vez, um não-membro que trabalhava com ele disse o seguinte: "Não sei muito a respeito da igreja mórmon. Nunca recebi uma visita dos

missionários nem estudei sua doutrina. Nunca assisti a uma de suas reuniões, mas conheço Pappy Stoops. Se a Igreja produz homens como Pappy Stoops, deve haver muito de bom nela". Não fazemos idéia da influência que nosso exemplo pode ter, tanto para o bem quanto para o mal.

Antes de filiar-se à Igreja, o Élder Hélio da Rocha Camargo, do Brasil, era ministro de outra religião. Estava pesquisando a Igreja com muito interesse, quando assistiu a uma reunião de jovens, numa manhã de sábado. Uma jovem prestou testemunho a respeito da pureza moral e da força que sentia por viver a lei da castidade. Seu testemunho e o de outros jovens deixaram Hélio Camargo muito impressionado. Ele e a esposa filiaram-se à Igreja. O testemunho e a dedicação do irmão Camargo foram enormes. O Senhor chamou-o para o cargo de bispo, presidente de estaca, presidente de missão, representante regional, membro dos Setenta e presidente de templo.

Alguns de nós somos reservados e tímidos por natureza, no que se refere a prestar testemunho verbalmente. Precisamos deixar de ser tímidos. Doutrina e Convênios declara: "Mas com alguns não estou satisfeito, pois não abrem a sua boca, mas, por causa do temor dos homens, escondem o talento que lhes dei (. . .)" (D&C 60:2) A seção 38 de Doutrina e Convênios lembra-nos: "E que a vossa pregação seja a voz de advertência de todo homem ao seu próximo, com mansidão e brandura". (Versículo 41)

Nem sempre lembramos que é o poder do Espírito que leva nosso testemunho ao coração das pessoas. O testemunho é algo que nos pertence. Não pode ser questionado por outras pessoas. É algo pessoal e real para nós. No entanto, é o Espírito Santo que concede esse mesmo testemunho a outras pessoas.

Robert L. Marchant contou-nos uma experiência que teve quando era um jovem missionário na missão mexicana. Ele e seu companheiro eram novos no campo missionário e nem todos os outros missionários os



CRISTO APARECE A JOSEPH SMITH E OLIVER COWDERY NO TEMPLO DE KIRTLAND, DE ROBERT T. BARRETT.

conheciam. Certo dia, estavam em seu apartamento, quando uma dupla de sísteres bateu-lhes à porta. Os jovens élderes, sem revelarem sua identidade, convidaram as sísteres para entrar e iniciaram uma conversa a respeito do evangelho. As sísteres não reconheceram os élderes. Elas não tinham um conhecimento profundo da doutrina, e os dois élderes que estavam escondendo sua identidade logo conseguiram deixá-las confusas a respeito de certos princípios. Sentindo-se frustrada, uma das sísteres começou a chorar e prestou seu testemunho com simplicidade, vigor e beleza. O Elder Marchant e seu companheiro sentiram-se tocados e ficaram envergonhados, porque o testemunho simples das missionárias penetrou-lhes profundamente no coração.

Durante toda a minha vida, nunca procurei esconder quem sou ou no que acredito. Não me lembro de uma

Podemos testificar que Jesus é o Cristo, o Salvador, o Mediador e Redentor do mundo, e que Joseph Smith foi um profeta de Deus.

única ocasião em que minha carreira tenha sido afetada ou de ter perdido amigos a quem estimava por afirmar humildemente que era membro desta Igreja.

Existem quatro verdades sobre as quais podemos sempre testificar:

A primeira é que Jesus é o Cristo, o Salvador, o Mediador e Redentor do mundo;

A segunda é que Joseph Smith foi um profeta de Deus e restabeleceu a igreja de Cristo na Terra com todas as suas chaves e autoridades;

A terceira é que todos os Presidentes da Igreja

desde Joseph Smith possuíram esse mesmo poder e autoridade;

A quarta é que o Presidente Gordon B. Hinckley é o único profeta de Deus na Terra, possuindo todas as chaves, poderes e autoridade da Igreja na Terra em nossos dias.

Como uma das testemunhas especiais do Senhor, quero prestar-lhes meu testemunho. Sou grato por sempre ter possuído um testemunho do evangelho. Não me lembro de uma época em que não acreditasse no evangelho ou na Igreja. Nem sempre compreendi tudo e ainda não compreendo todas as coisas, mas em virtude de milhares e milhares de confirmações espirituais em minha vida, incluindo meu chamado ao santo apostolado, posso expressar-lhes meu testemunho de que Jesus é o Cristo. Com todas as fibras e células de meu ser, sei que Ele é nosso Salvador e Redentor. Testifico que Joseph Smith foi o maior profeta que já viveu nesta Terra e que foi de enorme importância para o Salvador na obra de Deus nesta Terra. Sei que isso é verdade.

Quero testificar-lhes, com as palavras de Pedro:

“Desde então muitos dos seus discípulos tornaram para trás, e já não andavam com ele.

Então disse Jesus aos doze: Quereis vós também retirar-vos?

Respondeu-lhe, pois, Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna.

E nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivente.” (João 6:66-69)

Rogo ao Senhor que abençoe nossos maravilhosos santos. Peço-Lhe que abençoe as crianças, para que lhes sejam devidamente ensinadas no lar as grandiosas e simples verdades e princípios do evangelho. Oro para que Ele abençoe nossos jovens adultos, de modo que sejam capazes de permanecer firmes e constantes, e recebam as grandes bênçãos reservadas pelo Senhor aos fiéis.

Peço ao Senhor que abençoe os membros da Igreja que não se casaram, estão separados ou viúvos para que

saibam que são especiais e maravilhosos aos olhos do Senhor.

Peço ao Senhor que abençoe os casados que enfrentam as dificuldades da vida, com a responsabilidade de prover o sustento do lar e dos filhos, e oro para que Ele os sustenha e esteja a seu lado. Peço ao Senhor que abençoe os santos mais idosos, já grisalhos, que suportaram todas as provações da vida. Oro para que recebam o devido reconhecimento pelo exemplo que deram em sua vida de fidelidade e devoção.

Peço ao Senhor que nos abençoe a todos, para que não nos “[envergonhemos] do evangelho de Cristo” e prestemos nosso humilde testemunho a respeito Dele e das bênçãos, alegrias e força que recebemos, quando vivemos Seus ensinamentos e seguimos Seus preceitos. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Não devemos “[envergonhar-nos] do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego”. (Romanos 1:16)

2. Prestamos testemunho com nossas palavras e também pelo modo como vivemos.

3. O Senhor disse: “Mas com alguns não estou satisfeito, pois não abrem a sua boca (. . .)” (D&C 60:2)

4. Quando prestamos testemunho, devemos fazê-lo “com mansidão e brandura”. (D&C 38:41)

5. É o poder do Espírito que leva nosso testemunho ao coração das pessoas.

6. Podemos sempre prestar testemunho de que Jesus é o Redentor do mundo; que Joseph Smith foi um profeta e restabeleceu a igreja de Cristo na Terra com poder e autoridade; que todos os Presidentes da Igreja desde Joseph Smith possuíram esse poder e autoridade; e que o Presidente vivo da Igreja é o profeta de Deus na Terra, possuindo todas as chaves, poder e autoridade da Igreja em nossos dias.

“TODAS AS NAÇÕES (. . .) SERÃO ABENÇOADAS”

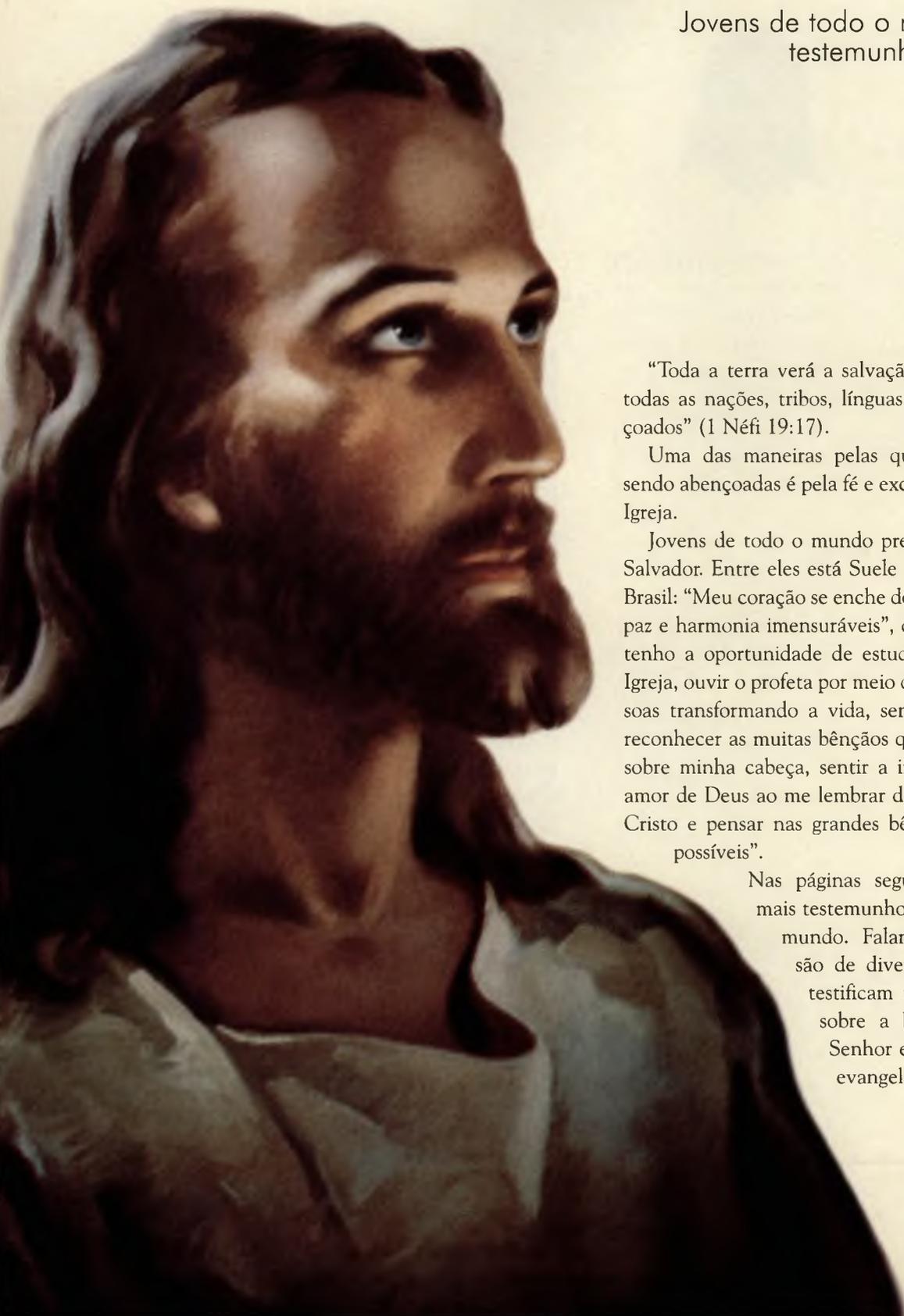
Jovens de todo o mundo prestam
testemunho do Salvador.

“Toda a terra verá a salvação do Senhor (. . .)
todas as nações, tribos, línguas e povos serão aben-
çoados” (1 Néfi 19:17).

Uma das maneiras pelas quais as nações estão
sendo abençoadas é pela fé e excelência dos jovens da
Igreja.

Jovens de todo o mundo prestam testemunho do
Salvador. Entre eles está Suele Aparecida Barros, do
Brasil: “Meu coração se enche de gratidão e sinto uma
paz e harmonia imensuráveis”, diz ela, “cada vez que
tenho a oportunidade de estudar as escrituras, ir à
Igreja, ouvir o profeta por meio de *A Liahona*, ver pes-
soas transformando a vida, sentir o Espírito Santo,
reconhecer as muitas bênçãos que o Senhor derrama
sobre minha cabeça, sentir a imensa misericórdia e
amor de Deus ao me lembrar do grande sacrifício de
Cristo e pensar nas grandes bênçãos que Ele torna
possíveis”.

Nas páginas seguintes, encontram-se
mais testemunhos de jovens de todo o
mundo. Falam línguas diferentes,
são de diversas culturas — mas
testificam todos, a uma só voz,
sobre a bondade e amor do
Senhor e a veracidade de Seu
evangelho restaurado.





“Sinto que o Salvador tem feito muito por nós. Expiou por nossos pecados e deu-nos a capacidade de nos arrepender. Ele morreu na cruz e tornou possível vivermos novamente com nosso Pai Celestial. Sinto-me bem intimamente, sempre que ouço alguém falar sobre o Salvador.”

*Kenny Robertson,
Las Vegas, Nevada,
E.U.A.*



“Sempre que tenho um problema, penso em Jesus Cristo. Ele é nossa luz e completa a minha vida. Logo estarei compartilhando meu testemunho como missionária de tempo integral. Esse é o melhor meio em que posso pensar para demonstrar minha gratidão a Deus e Jesus, que trouxeram muita felicidade a minha vida.”

*Lidia Aracel Soto
Terrazas,
Guaymas, Sonora,
México.*



“Como missionários da estaca e de tempo integral, sabemos ser vital prestarmos testemunho de Jesus Cristo. Meu testemunho iniciou-se quando eu estava no seminário. Certa vez, falávamos sobre o que Jesus Cristo fez por nós, e sobre como demonstrou Seu amor pelos outros. Senti em meu íntimo a forte influência do Espírito Santo. Sei que, se nos esforçarmos para servir ao Salvador, podemos nos tornar como Ele é.”

*Juan Carlos Gómes,
Caracas, Venezuela.*



“Não posso viver sem a luz de Cristo. Jesus Cristo é tudo. Ele nos dá tranqüilidade e paz e acalma o coração atribulado. Seu poder divino é majestoso. Eu O amo e aguardo com mansidão o dia em que me encontrarei de novo com Ele. Meu maior desejo é agradecer-Lhe pela vida e compreensão que Ele me proporcionou.”

*Maria Serafina Faria,
Funchal, Madeira,
Portugal.*



“Sou muito grata ao Pai Celestial pela oportunidade de ser membro da única igreja verdadeira em todo o mundo. Creio em Jesus Cristo. Sei que Ele é meu irmão mais velho e me ama. Eu também O amo. Aqui na Bulgária, nós, membros, somos muito gratos à Igreja. É o maior dom de nossa vida. Sua Igreja é para mim um lugar de paz, um local onde posso abrir o coração e expressar todos os meus sentimentos a respeito do

Senhor Jesus Cristo. Estou grata pelo plano de salvação, por saber por que estou aqui na Terra — para me aperfeiçoar por meio da expiação do Salvador.”

*Mina Todorova Kirieova,
Sofia, Bulgária.*



“Sei que Jesus Cristo morreu por nós e que ouve minhas orações.”

*Roussel Cabrera,
Muscat, Oman.*



“Antes de filiar-me à Igreja, quando um amigo estava em dificuldade, eu simplesmente observava, sentindo pena. No entanto, quando comecei a freqüentar a Igreja, minha vida se modificou. Mudei em minha maneira de pensar. Senti que me estava tornando filha de Deus.”

*Keum, Young-Sook,
Kyung Kee-Do, Coréia.*



“Tenho um profundo testemunho de nosso Salvador Jesus Cristo. Sei que Ele vive e nos ama. Cada momento de nossa existência é prova do carinho que nosso Salvador Jesus Cristo tem por nós. Todos os dias faço o melhor possível para não desapontá-Lo. Quero que Ele sinta-se feliz e orgulhoso de mim.”

*Makalani Tinirauarii,
Papeete, Taiti. □*



No Topo do Mundo

Willie Holdman, como narrado a Richard M. Romney.

Você vai fazer uma excursão que incluirá acampar e caminhar muito, e deseja torná-la a melhor excursão de sua vida. Aqui está uma lista do que é importante levar:

- Um bom saco de dormir.
- Sapatos confortáveis.
- Equipamentos leves de cozinha.
- Suas escrituras.

Sim. O último objeto da lista está certo. Foi isto que os rapazes da Ala Canyon, Estaca Spanish Fork Utah aprenderam no ano passado. Eles não somente subiram algumas das mais belas montanhas dos Estados de Wyoming e Montana, como também alcançaram alturas ainda maiores, incluindo o estudo diário das escrituras como o centro de sua experiência ao ar livre.

“Já fizemos outras excursões”, conta John Oldham, de 16 anos. “Mas, dessa vez, salientamos o lado espiritual de nosso planejamento.”

Por exemplo, a caminhada começou com uma reunião de testemunhos. “Foi demais”, disse Joshua Christensen, de 18 anos. “Sentamo-nos e observamos as Montanhas Teton enquanto o sol se punha. Falamos sobre o evangelho, sobre nós mesmos e a respeito do Salvador. Ali podia sentir-se o Espírito, o que estabeleceu um maravilhoso clima para o passeio.”

E isso não é tudo. O grupo fazia devocionais e serões diariamente, e estudava um assunto das escrituras. “Pela manhã, líamos uma escritura juntos, fazíamos algumas perguntas sobre ela e então tentávamos pensar a seu respeito ou colocá-la em prática durante o dia”, explica Doug Thompson, de 15 anos. “Depois, à noite, falávamos sobre nossas respostas.”

Como resultado, todos falavam sobre as escrituras, pensavam nelas e procuravam colocá-las em prática durante o dia.

“Lemos a respeito de oração”, continua Doug, “e enquanto estávamos excursionando, houve tempo para cada um pedir o que desejava, como orar solicitando forças, quando



A experiência ao ar livre, juntamente com os devocionais e o estudo das escrituras, aprofundaram o amor que esses excursionistas sentiam pelo Senhor e Suas criações.





parecia que as mochilas estavam muito pesadas, ou para termos um pouco mais de ânimo para continuar a despeito da chuva.”

Joe Oldham diz que apreciou muito o devocional em que se falou sobre ajudar os outros.

“Naquele mesmo dia, meu primo John e eu fomos os primeiros a chegar ao lago. Fiquei lá para cuidar das mochilas, e John desceu a fim de ajudar Mike, meu irmão mais novo de 14 anos, a carregar a dele, pois estava muito pesada. Todos nos ajudávamos mutuamente.”

“Certo dia, quando nossa lenha estava toda molhada”, conta Alex Wright, 19 anos (que está agora em missão no Brasil), “algumas pessoas vieram e nos trouxeram lenha seca. Isso aconteceu no mesmo dia em que tínhamos lido sobre serviço.”

Ryan Steadman, de 14 anos, lembra-se de que “havia várias quedas d’água; elas são enormes e caem em cascata pelas pedras, criando muita névoa. É tão bonito que se tem de acreditar que foi criada por alguém. Fizeram-me pensar na escritura que se encontra em Moisés 6:63: ‘todas [as coisas] dão testemunho de Mim’”.

Houve também outras lições que foram aprendidas durante a excursão e o acampamento:

Adquiri apreço pelas bênçãos que em casa nos passam despercebidas”, diz Joe Elliott, de 16 anos. “Quando nos afastamos da civilização, não basta ir até a torneira para beber água; é preciso filtrá-la durante 20 minutos para ser purificada.”

“Achamos que precisamos de todas estas coisas para sobreviver”, acrescenta John. “Achamos que precisamos jogar basquete, namorar e ouvir música o tempo todo. Mas lá pode-se viver sem as coisas mundanas. Quando lemos as escrituras, podemos concentrar-nos mais intimamente no que o Senhor quer que ouçamos.”

“Nosso primeiro devocional foi sobre oração e a respeito de como podemos orar a qualquer momento e a respeito de qualquer coisa”, disse Joshua. “Acho que todos fizemos isso durante o passeio, o que nos ensinou a caminhar com o Espírito. Pensei muito sobre Provérbios 3:5-6: ‘Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.’ Fiquei pensando que, assim como caminhávamos fisicamente pelas trilhas das montanhas, caminhávamos também por algumas trilhas espirituais.”

Cercados por um cenário majestoso, os rapazes foram lembrados das palavras do Senhor: “Todas as coisas são criadas e feitas para dar testemunho de Mim”. (Moisés 6:63)





A chuva, o frio e o cansaço da excursão foram esquecidos em momentos de meditação espiritual e participação.

Converse com esses rapazes, e verá que, sem dúvida, o passeio deixou-lhes lembranças duradouras. Eles contam como chovia diariamente, bem no horário, e como isso lhes ensinou o valor de estarem preparados. Falam sobre um respeito maior pelas plantas e animais. Expressam o desejo de aprender mais. Divertem-se com a idéia de mergulhar na água gelada, aguentar picadas de mosquitos e voltar pela trilha à procura dos mais lentos. Falam reverentemente até mesmo sobre respostas específicas a uma oração.

Porém, entremeados a quase todos os comentários e ligado para sempre a sua atividade de verão, está um amor e apreço mais profundos pela palavra do Senhor.

Talvez Mike o expresse melhor: "Qualquer pessoa pode fazer uma excursão, mas nós tivemos uma experiência diferente, porque a orientamos em direção às escrituras".

É uma aventura que os colocou no topo do mundo. □

Passo a Passo

Aqui está uma lista de coisas que você pode fazer para tornar mais significativa sua próxima excursão ou acampamento.

1. Inicie tendo um objetivo em mente. Saiba aonde deseja ir — não apenas geográfica, mas também espiritualmente. Tenha um propósito do sacerdócio, como aprender com as escrituras, por exemplo. Inicie com uma reunião de testemunhos, a fim de estabelecer um sentimento espiritual durante todo o evento.

2. Tome todas as providências práticas. Seu passeio será muito mais agradável se você não tiver que improvisar porque esqueceu alguma coisa, ou preocupar-se com o que fazer se a comida não for suficiente. O planejamento cuidadoso o ajudará a ter lembranças mais felizes.

3. Elabore lembretes todos os dias. Inicie cada dia com um devocional. Durante as paradas para descanso, examine algumas escrituras-chave. Reserve um tempo específico para estudo individual e meditação. Compartilhe suas observações. Escreva seus sentimentos num diário.

4. Procure oportunidades para servir. Aproveite as ocasiões de fazer o que o Salvador quer que faça — levar a carga uns dos outros, encontrar lenha seca para a fogueira de outra pessoa, procurar os que estão cansados e errantes.

5. Não se esqueça de orar. Tanto durante o planejamento como durante a excursão, comunique-se sempre com o Pai Celestial. Peça orientação e instruções — não se esquecendo de expressar seu agradecimento, principalmente pelas maravilhas da criação. □

No Seu Caminho Todos os Dias

Aqui está uma lista parcial de escrituras e idéias para debate, usadas nos devocionais diários do grupo:

Alma 34:26–27 “Deveis abrir vossa alma (...) em vossos desertos”. Compare-se com as pessoas das escrituras que foram ao deserto para orar. Como é que a oração o ajuda a sentir-se mais perto do Senhor? Levar sempre uma oração em seu íntimo o ajuda a sentir-se grato?

Gênesis 1:26 “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem”. Como você se sente por saber que foi criado à imagem de Deus? Que tipo de reverência devemos sentir por todas as criações de Deus?

Mosias 4:16–26 “Não somos todos mendigos?” No deserto, todos se esforçam juntos para sobreviver, ajudando-se uns aos outros. O que você pode fazer para ajudar os outros? Você se sente bem ao prestar ajuda?

Moisés 6:63 “Todas (as coisas) dão testemunho de Mim”. De que modo aquilo que estamos vendo e experimentando a nossa volta dá testemunho de seu Criador, Jesus Cristo?

Mórmon 8–9 O conselho que nos foi dado por Morôni. Fique sozinho e leia esses dois capítulos. Como se sentiria, caso estivesse completamente só, assistindo à destruição de seu povo? Que conselho daria àqueles que mais tarde iriam ler suas palavras?

De que modo Morôni descreve nossos dias? □



Palavras do Profeta Vivo

Pensamentos e conselhos do Presidente Gordon B. Hinckley



Maridos e Mulheres São Iguais

“[Irmãos,] sua mulher é indispensável a seu progresso eterno. Espero que nunca se esqueçam disso. Existem alguns homens nesta Igreja — felizmente não são muitos, embora haja alguns — que se acham superiores à esposa. Eles precisam compreender que não alcançarão o mais elevado grau de glória no reino celestial sem que sua mulher esteja a seu lado em igualdade. Irmãos, elas são filhas de Deus. Trate-as como tais.”¹

Crie Seus Filhos em Retidão

“Ao contemplá-los, penso em vocês como marido e mulher, pais e mães, agora ou no futuro. Penso na tremenda oportunidade que têm de trazer à Terra uma geração que poderia tornar-se aquela que mudaria um mundo que se encontra na escuridão e na lama, conforme se vê em todo o planeta. Esta é a oportunidade de guiar seus filhos em retidão e em verdade, com fidelidade, amor, fé e lealdade. Deus os abençoe nessa grande e sagrada moradia da qual estão investidos.”²

Aos Solteiros

“Precisamos de sua força. Precisamos de sua fé. Precisamos de suas habilidades. Precisamos de seu testemunho. Precisamos de sua vontade de servir na obra do Senhor. Sejam fiéis, sejam verdadeiros e dediquem-se

a esta obra. Esta é a única forma de encontrarem paz e felicidade na vida, e vocês a encontrarão se viverem o evangelho. Este é o caminho da verdade, da vida e da compreensão.”³

Procurem Desenvolver Força Espiritual

“Existe muito de belo a respeito [das pessoas de todo o mundo], mas sem a força que encontramos na certeza e na fé que temos em Deus e no Senhor ressuscitado, não existe muito a que nos apegarmos quando ocorre uma crise ou algum tipo de provação. Procure aquilo que é real, não o que é artificial. Busque as verdades eternas, não os caprichos passageiros. Procure as coisas eternas de Deus, não aquilo que hoje está aqui e amanhã terá desaparecido.”⁴

Há Segurança na Igreja

“A maior segurança que encontrarão na vida, meus jovens amigos, está em sua condição de membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Apeguem-se à Igreja e vivam seus princípios e não hesito em prometer-lhes que terão

uma vida feliz, que suas realizações serão significativas e que encontrarão razões para ajoelhar-se e agradecer ao Senhor por tudo o que Ele faz, dando-lhes as maravilhosas oportunidades que têm.”⁵

A Missão da Igreja

“É muito importante nos lembrarmos sempre de que esta Igreja tem a suprema missão de auxiliar nosso Pai Celestial em Sua obra e Sua Glória — proporcionar a imortalidade e a vida eterna a Seus filhos e filhas. Devemos ter isso sempre em mente. Tudo o mais é secundário e depende desse conhecimento.”⁶

O que o Pai Celestial Deseja para Nós

“Tenho certeza de que o Pai Celestial gosta de ver Seus filhos felizes — que não sofram, mas que vivam felizes. Acredito que Ele deseja que desfrutemos as boas coisas desta Terra, obtidas de maneira justa (. . .) Não creio que Ele goste de ver Seus filhos tristes, na miséria, em dificuldades, no pecado ou vivendo em necessidade. Acredito que Ele deseja vê-los felizes.”⁷

Estendam as Mãos Àqueles que Tenham Sido Disciplinados

“Às vezes, temos que disciplinar pessoas. Espero que essas pessoas não

sejam esquecidas. Espero que não sejam negligenciadas e que não sejam mantidas longe da Igreja a ponto de sentirem que não há possibilidade de retorno. Este é um trabalho de redenção. Esta é uma obra de salvação. Devemos estender as mãos para erguer as pessoas e ajudá-las a encontrar seu caminho em meio aos desafios da vida. Rogo aos irmãos que, se houver pessoas assim em sua estaca, em sua ala, irmãos que estejam magoados com alguma coisa, que vocês os sustentem enquanto ainda há tempo. Não demorem. Não os deixem sentir-se

abandonados e esquecidos, nem expulsos ou postos de lado. Isso é muito importante (. . .) Rogo-lhes que procurem aqueles que necessitam de ajuda.”⁸ □

NOTAS

1. Veracruz, México, conferência regional, reunião de liderança do sacerdócio, 27 de janeiro de 1996.

2. Conferência regional de estudantes casados da BYU, Provo, Utah, 11 de

fevereiro de 1996.

3. Ala Emigration II, Estaca Salt Lake Emigration, reunião sacramental, 3 de março de 1996.

4. Plano, Texas, conferência regional, 17 de março de 1996.

5. Serão para a juventude, Vista, Califórnia, 23 de março de 1996.

6. Reunião com o Bispado Presidente, diretores da revista da Igreja e com os diretores de assuntos temporais, Salt Lake City, Utah, 1º de abril de 1996.

7. Reunião de Jovens Adultos Solteiros, Colorado Springs, Colorado, 14 de abril de 1996.

8. Smithfield-Logan, Utah, conferência regional, reunião de liderança do sacerdócio, 20 de abril de 1996.



A qualidade mais importante que levou Brigham Young a ser um grande líder foi sua inabalável fé em Deus.

BRIGHAM YOUNG: COM GRANDE DETERMINAÇÃO

Ronald K. Esplin

Brigham Young ficou conhecido, com toda razão, como um grande líder e uma pessoa de natureza prática. Seus contemporâneos e as gerações que se seguiram falaram de sua versatilidade, justiça e bom senso. Após visitá-lo por volta de 1850, o viajante francês Jules Remy declarou que poucos homens “possuem, em tão elevado grau quanto ele, as qualidades que constituem o eminente estadista e o administrador competente”.¹

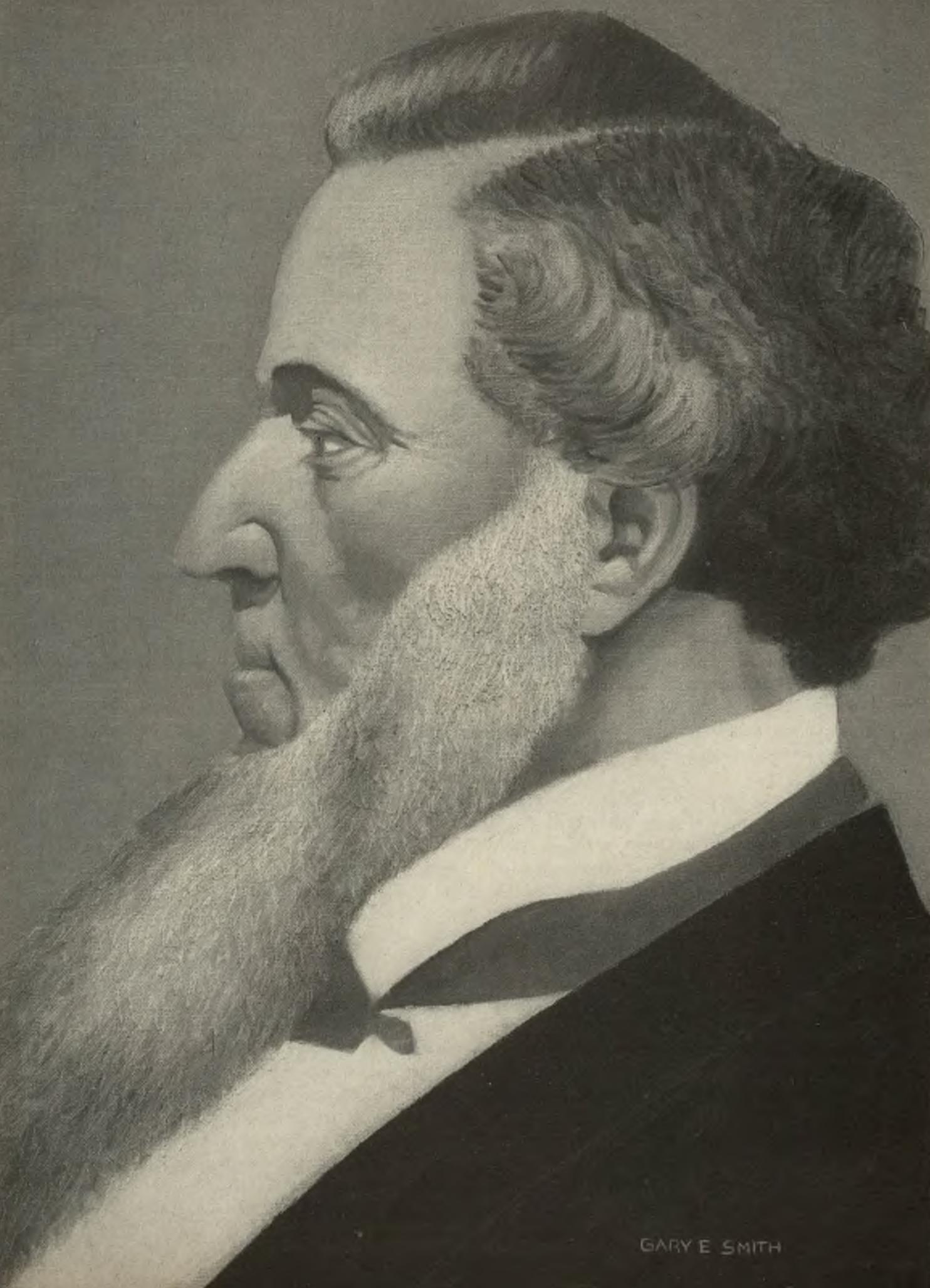
O que poucos observadores perceberam, entretanto, é que o sucesso de Brigham Young baseava-se muito mais na fé em Deus e em sua própria força espiritual do que em suas habilidades práticas. A vida dele baseava-se em alguns princípios de grande importância: Deus revela Sua vontade aos homens, Joseph Smith era o porta-voz e profeta de Deus, e Deus intervém nos assuntos dos homens. Brigham Young liderava com coragem por ter certeza de seu rumo e de seu objetivo.

A atitude que Brigham Young tinha em relação à vida e ao papel da liderança era simples: “Minha religião consiste em conhecer a vontade de Deus e fazê-la”.² A cada dia, ele procurava conhecer a vontade de Deus para com

ele *naquele momento* — o que Deus queria que ele fizesse *naquele dia*. Tão logo visualizava essa tarefa, reunia todos os seus recursos para executá-la. “Quando penso em mim, tudo o que penso é: Tenho determinação dentro de mim e farei minha obrigação, custe o que custar.”³ Essa determinação em cumprir o dever complementava uma sólida fé que, se fizesse tudo o que estava a seu alcance no serviço do Senhor, Deus faria o resto.

Nem sempre, porém, ele tivera tal confiança. Quando jovem, antes de conhecer o evangelho, tivera uma vida melancólica. Brigham nasceu em 1º de junho de 1801 em Vermont, na costa leste dos Estados Unidos. Ele aprendera a acreditar em Deus, mas não conseguia encontrá-Lo e quase sempre tinha dúvidas sobre o propósito de sua própria vida. Sua conversão e batismo na Igreja em 1832, com 30 anos de idade, após muitos meses de pesquisa e introspecção o transformaram. Com grande determinação⁴, como ele mesmo disse mais tarde, de repente passou a enfrentar o mundo com novos e imperativos objetivos e com uma fé em Deus que aumentava por intermédio de suas experiências.

Brigham foi testado em sua fé no Acampamento de



GARY E SMITH

Sião, em 1834, e ele ganhou assim maior confiança em Joseph Smith, em Deus e em si mesmo como servo de Deus. Outra prova ocorreu em 1840-41 quando serviu com os Doze na Grã-Bretanha em situações de extrema dificuldade. Essa experiência transformou Brigham Young e os demais Apóstolos em um grupo de homens de grande poder⁵. Quando retornaram, o Profeta deu novas responsabilidades ao Quórum dos Doze, sendo que nos três anos seguintes ele os aconselhou sempre que possível.

Com o assassinato de Joseph e Hyrum Smith em 1844, Brigham Young ascendeu a uma nova posição de liderança. Ainda entristecido, relutante em vestir o manto de Profeta, Brigham sabia o que se esperava dele. Ele e os Doze assumiram a liderança da Igreja sem demora, pois essa era “nossa [indiscutível] obrigação”⁶. Suas ações naqueles primeiros meses e, em seguida, quando liderou os Santos até a segurança das Montanhas Rochosas, demonstram que ele se via simplesmente como uma pessoa que utilizava os talentos que Deus lhe dera para cumprir a missão que lhe fora confiada pelo Senhor e pelo Profeta Joseph.

Após a morte de Joseph Smith, Brigham Young sabia claramente quais eram as prioridades: Primeiro, os Santos deveriam terminar o Templo de Nauvoo, onde receberiam a investidura. Em seguida, deveriam procurar um novo lar, um lugar de refúgio no oeste, conforme profetizou. Para o Presidente Young, essas metas exigiam resoluta atenção e, de fato, tão contagioso era o entusiasmo dele que o ritmo de construção do Templo de Nauvoo aumentou sensivelmente sob a direção dos Doze.

Ironicamente, um ritmo tão rápido inflamou os inimigos da Igreja que, temendo ser impossível expulsar os mórmons de Nauvoo se eles concluíssem o templo, juraram forçá-los a sair antes de terminá-lo⁷. Diante da ameaça de violência, em janeiro de 1845, Brigham Young hesitou: Deveriam terminar o templo mesmo que isso implicasse em derramamento de sangue? A resposta a essa indagação aparece em seu diário: “Perguntei ao Senhor se deveríamos permanecer aqui e terminar o

templo. A resposta foi positiva”⁸.

Tendo o Senhor confirmado a decisão, o Presidente Young levou a empreitada à frente com férrea determinação. Em maio, a cimalha do edifício foi assentada e os Doze anunciaram que as investiduras começariam em dezembro, o que se concretizou. Brigham Young, durante esse período, falava com firmeza, em parte para intimidar os inimigos e evitar o confronto. “Preferimos sofrer a injustiça a infligi-la”, era seu lema.⁹ A fé de que o Senhor havia determinado o curso e que os dirigiria para a meta fazia com que agisse com destemor.

Apesar de ter sob seu comando a maior força militar de Illinois, o Presidente Young evitou utilizar a milícia de Nauvoo quando a violência finalmente eclodiu em setembro de 1845. Em vez disso, ele e os demais Apóstolos voltaram-se para intensas e significativas orações, iniciando o que o historiador B.H. Roberts denominou de “exemplar período de orações na Igreja”¹⁰.

Com o trabalho do templo avançando em meio a uma paz incerta, por volta de abril de 1845 o Presidente Brigham Young voltou sua atenção para o oeste. Joseph Smith havia falado confidencialmente sobre “um lugar seguro preparado para os santos (. . .) nas distantes Montanhas Rochosas”¹¹. Poucas semanas antes de seu martírio, o Profeta havia designado os Doze a procurar esse lugar de refúgio.

O Presidente Young não achava um sacrifício abandonar a casa e o templo, pois sabia que o objetivo final dos santos não estava em Nauvoo, mas no oeste. Ele acreditava que lá eles se tornariam um povo forte; lá eles poderiam construir novos lares e um novo templo em segurança. Sabendo disso, quando as turbas começaram a atacar os arredores de Nauvoo em setembro de 1845, o Presidente Young aproveitou a ocasião para anunciar publicamente a migração há tanto planejada.

Uma das maiores preocupações de Brigham Young era encontrar o lugar certo. Após freqüentes jejuns e orações diárias em sua sala no templo, ele teve uma visão do local exato e sentiu que poderia reconhecê-lo. Com a mente aliviada, ele estava pronto.

Um mês mais tarde, Brigham Young e o primeiro



Brigham foi testado em sua fé no Acampamento de São em 1834 e ganhou mais confiança em Joseph Smith, em Deus e em si mesmo como servo de Deus.

grupo de santos atravessou o Rio Mississippi, embora estivessem em pleno inverno. Uma vez a caminho, o Presidente Young parecia atraído para o oeste como que puxado por mão invisível. “Não pense (. . .) que lamendo abandonar minha casa”, escreveu ele a seu irmão Joseph quando passava pelas planícies de Iowa. “Não, muito ao contrário (. . .). O que está à frente parece-me agradável”, escreveu, “mas vislumbro uma escuridão quando volto meu olhar” em direção a Nauvoo.¹²

A experiência em Iowa, todavia, foi difícil, e por algum tempo pareceu que toda a Igreja estava num atoleiro, tanto literal quanto em sentido figurado, com os carroções afundando até o eixo no profundo lamaçal em que se transformaram as planícies com o degelo da primavera. Conduzir os santos por milhares de quilômetros levou muito mais tempo e necessitou de muito mais recursos do que até mesmo Brigham Young imaginara. A aventura o exauriu e o forçou a aceitar sua incapacidade de fazer certas coisas. Ele emagreceu tanto que suas roupas não mais lhe serviam. Esgotado física e emocionalmente Brigham Young compreendeu, mais do que em qualquer outra ocasião, a necessidade da mediação de

Deus e sentia falta de Joseph para aconselhá-lo e para reanimar o povo.

Ao levantar-se na manhã de 17 de fevereiro de 1847, Brigham foi tomado de um mal tão súbito que de repente “desmaiou e pareceu estar morto”.¹³ Somente aqueles que morrem e passam para além do véu poderiam saber como se sentia, disse duas semanas mais tarde. E acrescentou: “Sei que estive no mundo espiritual”. Entretanto, não conseguiu lembrar-se imediatamente dos detalhes do que tinha visto lá. “Tudo o que sei é o que minha mulher me contou. Eu dissera ter estado onde Joseph e Hyrum estavam” e que “voltar à vida outra vez é difícil.”¹⁴

Recobrando os sentidos, Brigham Young adormeceu e sonhou; quando acordou registrou o que havia visto. “Em meu sonho, estive com Joseph”, escreveu. Encontrando Joseph sentado ao lado de uma ampla janela, parecendo “totalmente natural”, Brigham tomou-lhe as mãos, beijou-o na face e perguntou-lhe por que não podiam estar juntos como antes. Joseph levantou-se da cadeira, olhou para Brigham e falou em sua maneira habitual: “Assim está bem”. Brigham protestou, mas Joseph replicou:



GRUPO DE BRIGHAM YOUNG EM INVERNO. POR ARNOLD TEEHRT

O Presidente Young não achava um sacrifício abandonar sua casa e o templo recém construído, em Nauvoo, pois sabia que o objetivo dos santos estava no oeste, onde poderiam estabelecer-se em segurança.

“Você terá de fazer as coisas sem mim por algum tempo, mas depois poderemos estar juntos novamente”.

Brigham então dirigiu-se a Joseph como seu mentor e pediu-lhe conselhos. A admoestação foi direta e simples: “Diga ao povo para permanecer no espírito do Senhor”.¹⁵ Brigham então virou-se e viu Joseph cercado de luz, “mas onde eu tinha de ir estava escuro como breu”. Mas como Joseph insistisse, Brigham “entrou na escuridão” e despertou.¹⁶

Embora Brigham Young falasse com freqüência dessa experiência nas semanas que precederam a partida para as Montanhas Rochosas, ele não tentou refletir muito sobre seu significado. Sem dúvida, ela lhe fortalecera o ânimo e dera-lhe mais uma evidência de que estava a serviço do Senhor (e de Joseph). Embora ainda sufocado pelas responsabilidades da liderança e pela magnitude do desafio, ele agora estava em paz.

Essa paz não era sentida por aqueles a seu redor. Duas semanas após o episódio da doença e da visão, seu irmão, Joseph Young, veio vê-lo em seu escritório e “afirmou pensar que 50 kg. de provisões” — o mínimo anunciado para a viagem ao oeste — “era pouco para cada pioneiro”.

Meses antes ele havia dito a Brigham que conduzir os santos em segurança através de Iowa exigiria um milagre tão grande quanto foi o de Moisés levando os filhos de Israel pelo deserto. Deveriam esperar um segundo milagre? Com tão poucas provisões, insistia, qualquer pequeno infortúnio colocaria em risco toda a empreitada. Para Brigham Young, aquela quantidade — que era tudo o que poderiam esperar conseguir — simplesmente tinha que ser suficiente. “Brigham respondeu que gostaria que ficassem ali todos os que não tivessem fé para prosseguir com aquela quantidade de víveres.”¹⁷ Embora não fosse imprudente, o Presidente Young era realista. Depois de fazer tudo o que estava a seu alcance, os santos não tinham escolha a não ser depender do Senhor para todo o resto.

O Presidente Young enfrentou o desafio com uma confiança tão grande porque sabia que o plano não era seu, conforme disse, dez anos mais tarde, aos santos: “Não fui eu quem elaborou o esquema grandioso de fazer com que o Senhor abrisse o caminho para levar este povo até as montanhas”. Quem o fez? “Foi o poder de Deus que efetuou a salvação para o povo”, insistiu.¹⁸

A partir do momento em que entrou no Vale do Lago

Salgado em 1847, Brigham Young compreendeu claramente a missão que os santos tinham a executar ali e estava absolutamente convicto de que, com a proteção do Senhor, eles seriam capazes de cumpri-la¹⁹. Ele previu que se vivessem com dignidade, jamais seriam expulsos dali²⁰. Essa fé o susteve e guiou suas decisões durante o longo período em que serviu como líder cívico e da Igreja em Utah.

Em 1857-58, a fé do Presidente Young foi duramente provada mais uma vez, quando milhares de soldados do Exército dos Estados Unidos entraram em Utah “escoltando” Alfred Cumming, um interventor designado pelo governo federal para substituir Brigham Young como governador. Alguns observadores argumentaram que o Governador Young deveria ter buscado imediatamente uma solução política. Sem dúvida, uma acomodação com mútuas concessões parecia a única alternativa que poderia preservar a paz.

O Presidente Young, entretanto, não pensava assim. As experiências dos Santos em Missouri tinham-lhe mostrado o que os inimigos são capazes de fazer quando apoiados por autoridade militar. Certo de que, se os santos fizessem tudo o que estivesse a seu alcance, o Senhor não permitiria que nenhum desastre se abatesse sobre eles, declarou lei marcial e mobilizou a milícia territorial a fim de envidar todos os esforços, exceto se isso envolvesse derramamento de sangue, para retardar as tropas invasoras. As pastagens e os carroções de suprimentos foram queimados, o gado e as provisões foram confiscados, enquanto que as unidades avançadas sofriam hostilidades contínuas. Ainda assim os invasores avançavam — até a chegada oportuna de fortes nevascas que obrigaram o exército a buscar refúgio próximo a Fort Bridger, a cerca de 120 km. do povoamento mórmon do Vale do Lago Salgado²¹.

Esses fatos não impediram de forma definitiva o avanço do exército. Na primavera, os soldados queriam vingar-se por terem passado um inverno em condições precaríssimas. Com a ameaça renovada e talvez agora mais perigosa, Brigham Young ordenou a seus homens que se preparassem para enfrentar o exército, mas fez a promessa de

que “nenhum tiro seria disparado e nenhum homem morreria”. Um dos comandantes da milícia, um homem que via o Presidente Young como porta-voz do Senhor, disse que “sabia ser verdadeira a promessa, mas que não acreditava numa só palavra”. Dadas as circunstâncias, o confronto sangrento parecia inevitável.²²

Com as tropas ainda avançando em direção à cidade, Brigham Young e o governador designado, Alfred Cumming, auxiliados por Thomas L. Kane, um não-membro amigo dos santos que havia se arriscado em uma viagem a Utah durante o inverno, assinaram um acordo de paz. O exército então marchou pacificamente por uma Salt Lake City deserta e, sem incidentes, estabeleceu acampamento em um local isolado a cerca de 48 km. de distância. As perdas causadas pela chamada Guerra de Utah foram resumidas nestas palavras do Capitão Jesse Gove, do Exército dos Estados Unidos: “Mortos, nenhum; feridos, nenhum; enganados, todos”²³ — todos, exceto Brigham Young que, durante todo o episódio, teve a certeza de que aquele confronto não resultaria em calamidade.

A liderança do Presidente Young não foi, entretanto, perfeita, é claro. Na mortalidade ninguém consegue a perfeição. “Existem fraquezas manifestas nos homens que tenho de perdoar”, disse ele certa vez. “Também tenho minhas fraquezas. Sou passível de cometer erros”, continuou, mas “permaneço onde posso ver a luz. Esforço-me em permanecer nessa luz.”²⁴ O que Brigham Young sentia não era que ele jamais cometeria erros ou que sempre saberia qual a melhor alternativa, mas sim que, no final, Deus cuidaria das coisas mais importantes. Rápido em mudar de rumo quando algo não parecia estar indo bem, buscava outra solução, porém sua direção e seu objetivo final permaneciam imutáveis. As metas de longo prazo, alicerçadas em revelação, e guiavam suas decisões diárias, transmitiam-lhe firmeza dando-lhe confiança para ir em frente, apesar dos obstáculos — e apesar dos erros.

Tal certeza às vezes fazia com que Brigham Young parecesse obstinado. Alguns meses após a solução pacífica da Guerra de Utah, o Presidente Young visitou o Governador Cumming. Ainda preocupado por terem conseguido evitar

o desastre por um triz, o justo governador aconselhou Brigham Young a evitar futuras provocações.

“Com todo o respeito a Sua Excelência”, disse o Presidente interrompendo-o “não pretendo aceitar conselhos de qualquer homem vivo em relação a meus negócios.” Embora não desprezasse os amigos e conselheiros nessas situações, ele depositava sua confiança somente em Deus. “Minha religião é verdadeira”, disse solenemente ao governador, “e pretendo obedecer a seus preceitos enquanto viver.” E, insistia ele “seguirei os conselhos do Pai Celestial, pois tenho fé para segui-los e para enfrentar as conseqüências (. . .).”

“Pode parecer-lhe estranho”, concluiu, “mas pode ter a certeza de que estou certo.”²⁵ □

NOTAS

1. Jules Remy, *A Journey to Great Salt Lake City* (Viagem a Salt Lake City), 2 volumes (1861), 2:495.

2. *Journal of Discourses*, 14:118.

3. *Journal of Discourses*, 5:97.

4. Ver *Journal of Discourses*, 1:90; 9:141; 16:69–70.

5. Ver James B. Allen, Ronald K. Esplin e David J. Whittaker, *Men with a Mission: The Quorum of the Twelve Apostles in the British Mission, 1837–1841* (Homens com uma Missão: O Quórum dos Doze Apóstolos na Missão Britânica, 1837–1841) (1992).

6. Brigham Young para Vilate Young, 11 de agosto de 1844, Brigham Young Papers, Archives Division, Departamento Histórico da Igreja, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Salt Lake City, Utah; doravante citados como Arquivos da Igreja SUD.

7. *History of the Church*, 7:363.

8. Diário de Brigham Young, 24 de janeiro de 1845, Arquivos da Igreja SUD; grafia atualizada.

9. *History of the Church*, 6:241–42; minutas de George D. Watt, 6 de abril de 1845, Arquivos da Igreja SUD.

10. *History of the Church*, 7:xxix. Para detalhes, ver Ronald K. Esplin, “Brigham Young and the Power of the Apostleship: Defending the Kingdom through Prayer, 1844–1845” (Brigham Young e o Poder do Apostolado: A Defesa do Reino através da Oração). *Sidney Sperry Symposium, A Sesquicentennial Look at Church History* (Retrospectiva da História da Igreja em seu Sesquicentenário) (1980), 102–22.

11. Jonathan Dunham, citado por Thomas Burdick em carta a Joseph Smith, 28 de agosto de 1840, Joseph Smith Collection, Arquivos da Igreja SUD.

12. Brigham Young para Joseph Young, 9 de março de 1846,

Brigham Young Papers, Arquivos da Igreja SUD; pontuação atualizada.

13. *The Journals of John D. Lee 1846–47 and 1859* (Os Diários de John D. Lee 1846–47 e 1859), 2 volumes, editado por Charles Kelly (1984), 1:90.

14. *On the Mormon Frontier, the Diary of Hosea Stout, volume 1, 1844–1848*, (Na Fronteira Mórmon, o Diário de Hosea Stout, volume 1, 1844–1848) 2 volumes, organizados por Juanita Brooks (1964), 1:238. Secretário do Sumo-Conselho, Stout registrou as palavras de Brigham Young como parte dos anais e em seguida recopiou-as em seu diário pessoal. Ver também o relato de Joseph Fielding em seu diário, em 1847, depois de ter ouvido o Presidente Young contar sobre o evento.

15. Testamento holográfico de Brigham Young, 17 de fevereiro de 1847, Brigham Young Papers, Arquivos da Igreja SUD; grafia atualizada.

16. Diário de Hosea Stout, 28 de fevereiro de 1847. Brigham Young disse aos ouvintes: “Desejo que todos se lembrem de meu sonho, pois ele é uma visão de Deus e foi revelado através do espírito de Joseph”.

17. Diário de Willard Richards, 3 de março de 1847, Arquivos da Igreja SUD.

18. *Journal of Discourses*, 4:41.

19. Recordar-se ele mais tarde da primeira vez que contemplou o vale: “O espírito de luz repousava sobre mim e pairava sobre o vale e eu senti que ali os santos encontrariam proteção e segurança”. *Manuscript History of Brigham Young 1846–1847* (História Manuscrita de Brigham Young 1846–1847) organizada por Elden J. Watson (1971), 564.

20. Na primavera seguinte (maio de 1848), ouvindo que os inimigos haviam expressado o temor de que nada poderia expulsar os santos das Montanhas Rochosas se eles conseguissem estabelecer-se lá, Brigham Young concordou: Os santos nunca serão expulsos das montanhas “a menos que saiam eles mesmos. Profetizo isso eu mesmo”. Ele tinha certeza de que “iremos em segurança” e de lá (das Montanhas Rochosas) “pregaremos a todas as nações as coisas pacíficas do [Reino]”. Minutas, 14 de maio de 1848, Arquivos da Igreja SUD.

21. *Utah's History* (História de Utah), editado por Richard D. Poll (1978), 168.

22. Minutas de Brigham City, 5 de junho de 1870, Anotações de Brigham Young, Arquivos da Igreja SUD.

23. Jesse A. Gove, *The Utah Expedition, 1857–1858; Letters of Captain Jesse A. Gove* (A Expedição de Utah, 1857–1858; Cartas do Capitão Jesse A. Gove), organizado por Otis G. Hammond, New Hampshire Historical Society Collections (1928), 351.

24. Minutas, 30 de abril de 1860, Arquivos da Igreja SUD.

25. Minutas do Escritório do Historiador da Igreja, 24 de abril de 1859, Arquivos da Igreja SUD.

ACREDITAR E PERSEVERAR

“A alguns (. . .) é dado crer” (D&C 46:13-14)

Grande parte de nosso bem-estar espiritual depende de nossa habilidade de desenvolver e exercitar fé na divindade de Jesus Cristo. A maneira de fazer isso é individual. O Élder Neal A. Maxwell explica: “Todos nós, porém, nos encontramos em diferentes pontos desse processo. (. . .) Por isso a alguns é dado (. . .) saber (. . .) a outros é dado acreditar em suas palavras” (D&C 46:13-14) (*A Liahona*, julho de 1991, p. 101).

Enquanto estamos desenvolvendo nossa fé em Jesus Cristo, podemos encontrar força nos testemunhos e exemplos dos outros.

“CONTUDO, O QUE PERMANECE NA FÉ E FAZ MINHA VONTADE (. . .) VENCERÁ.” (D&C 63:20)

Há cento e cinquenta anos, a fé dos Santos dos Últimos Dias pioneiros foi testada de maneiras extraordinárias. O Presidente Gordon B. Hinckley conta a história de Ellen

Pucell, cujos pais foram batizados na Inglaterra em 1837. Após economizarem durante 19 anos para pagar sua viagem para os Estados Unidos, a família Pucell integrou-se à Companhia Martin de Carrinhos de Mão. Ellen tinha nove anos nessa ocasião; a irmã dela, Maggie, tinha 14. Alguns atrasos e imprevistos não permitiram que a companhia de carrinhos de mão chegasse ao Vale do Lago Salgado antes que o rigoroso inverno os alcançasse.

“De 135 a 150 pessoas da companhia Martin pereceram ao longo daquela trilha de sofrimento e morte”, diz-nos o Presidente Hinckley. Entre os que não chegaram estavam os pais de Maggie e de Ellen. “Foi nessas circunstâncias terríveis e desesperadoras que [os sobreviventes] foram encontrados pelo grupo de salvamento (. . .)”

“As duas pequenas órfãs, Maggie e Ellen, também tinham partes do corpo congeladas. A condição de Ellen era mais grave. O médico, do vale, fazendo o melhor que podia, amputou-lhe as pernas, pouco abaixo dos joelhos. Os instrumentos cirúrgicos eram rudimentares. Não havia anestesia. Os cotos nunca cicatrizaram completamente. Ela se tornou adulta, casou-se com William

Unthank e criou uma honrada família com seis filhos. Movendo-se de um lado para outro sobre os cotos, ela serviu sua família, seus vizinhos e a Igreja com fé e boa vontade, sem reclamar, embora sempre sentisse dores. Sua posteridade é numerosa e há, entre eles, homens e mulheres capazes e cultos que servem ao Senhor a quem ela amou e que amam a causa pela qual ela tanto sofreu.” (*A Liahona*, janeiro de 1992, p. 54.)

Hoje agradecemos aos nobres pioneiros que nos legaram inestimáveis exemplos de fé em Jesus Cristo e de perseverança em viver o evangelho.

NÃO PODEMOS SOBREVIVER COM LUZ ALHEIA

Enquanto estamos desenvolvendo nosso testemunho, as certezas de outros podem servir de pontes para sustentar-nos em nossa jornada. Entretanto, cada um de nós precisará ter o próprio testemunho algum dia. Sem ele, não perseveraremos na fé até o fim. O Presidente Harold B. Lee disse: “Nossa primeira responsabilidade é assegurar nossa conversão. (. . .) Convertam-se, pois ninguém poderá sobreviver com luz alheia”. (*Stand Ye in Holy Places* [1975], 95.)

- De que maneira podemos deixar um legado de fé para nossa posteridade, como o fizeram os pioneiros?
- Como você já foi fortalecida pela perseverança e fidelidade de outras pessoas?
- Como uma pessoa pode perseverar e ser fiel até o fim?





EM MEIO À BALBÚRDIA

Jens Jensen, conforme contado para Paul Connors

Há alguns anos, fui designado presidente da junta diretora de uma escola de música da cidade de Hanau, Alemanha. Como parte de minhas tarefas, fui a uma exposição de instrumentos musicais. Apesar de não ser músico, caminhei em meio a milhares de instrumentos, procurando fazer uma ou duas perguntas inteligentes.

Enquanto passeava pelo andar térreo, observei que cada expositor tinha uma cabine à prova de som, para que, ao menos teoricamente, as pessoas que quisessem experimentar os trompetes, cornetas, trompas, órgãos, tambores ou tubas pudessem fazê-lo sem perturbar os que estivessem experimentando violinos, clarinetes, pianos, flautas, oboés ou saxofones. Na verdade, “quase à prova de som” seria uma descrição mais exata daquelas cabines. Ouvia-se um barulho terrível, como se os músicos de diversas orquestras estivessem todos afinando seus instrumentos ao mesmo tempo.

Foi então que vi uma placa com os dizeres “Instrumentos de Orquestra”, com uma seta indicando o andar superior. *Estou salvo*, pensei eu, apesar de não entender bem o significado daquela placa, pois os instrumentos expostos no andar térreo eram instrumentos de orquestra. Mesmo assim, subi as escadas, esperando encontrar um pouco mais de sossego e tranqüilidade.

Em vez disso, fui parar em outro grande salão, ainda mais repleto de instrumentos, a maioria dos quais eram usados em bandas de rock. O barulho era muito mais alto e estridente do que aquele do qual eu estava procurando fugir. Olhei rapidamente para todos os lados, procurando a saída mais próxima.

De repente, parei. Por apenas uma fração de segundo, pensei ter ouvido uma bela melodia em meio àqueles sons dissonantes. Seria possível? Ou teria sido apenas uma ilusão?

Ouvi, então, a melodia novamente. Era realmente maravilhosa! Tratava-se, indiscutivelmente, do som de um violino, quase perdido em meio à balbúrdia. Olhei em volta, procurando descobrir de onde vinha o som. Percebi que duas outras pessoas também haviam escutado a melodia e procuravam sua origem.

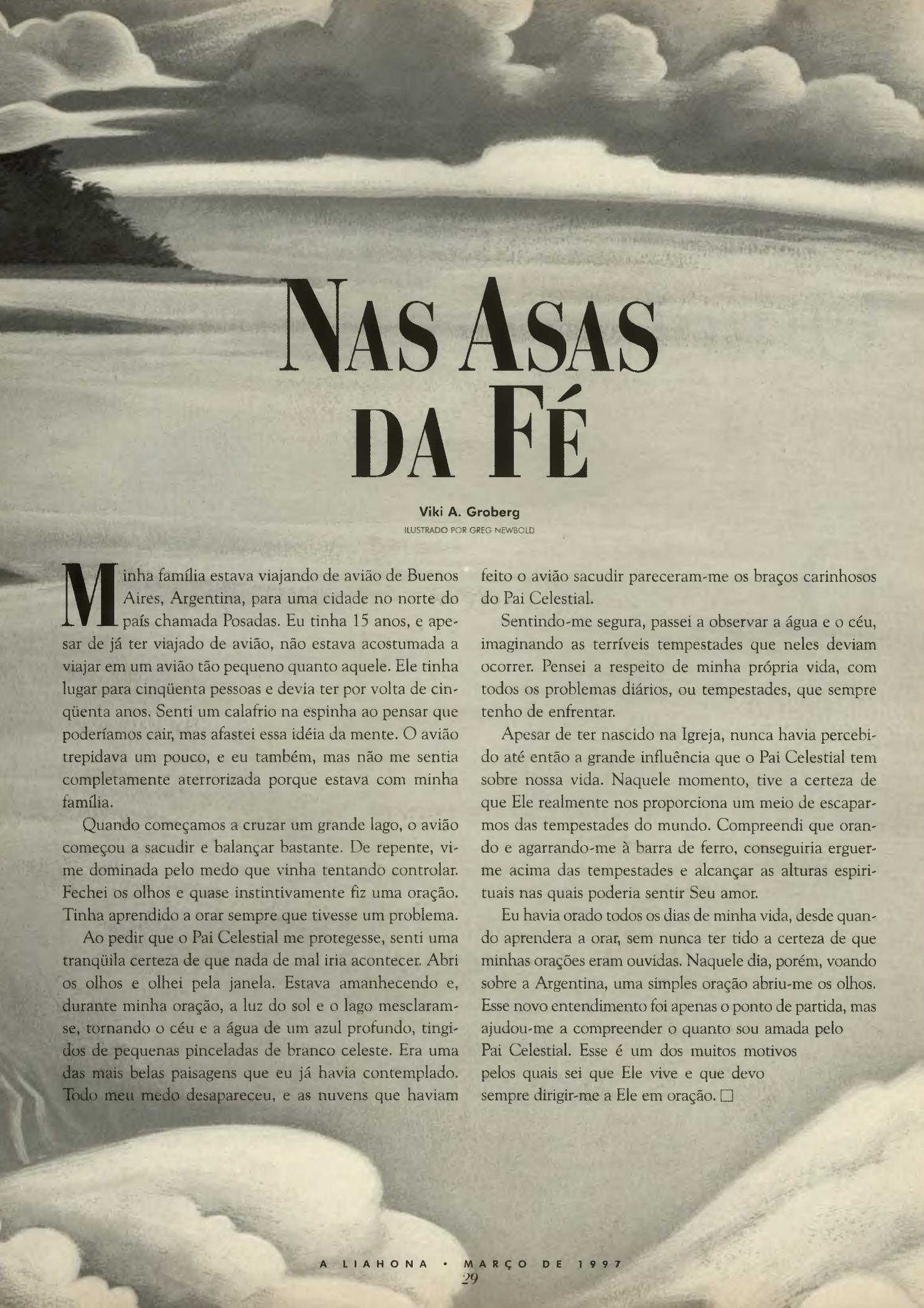
Por fim, encontramos o que procurávamos. No menor estande do salão, um homem tocava suavemente um belo violino, tendo a esposa a seu lado. Disse que era fabricante de violinos suecos e que estava tentando vender seu produto da melhor maneira possível, em meio às guitarras elétricas e sintetizadores.

“Eu me enganei”, disse-nos tristemente. “Aluguei este local achando que ficaria no meio da exposição de instrumentos de orquestra.” Apanhou novamente o violino e tocou-nos uma peça clássica conhecida, que ficamos a ouvir, embevecidos. Não escutávamos mais os outros sons dissonantes a nosso redor, apenas as belas notas daquele violino.

Algum tempo mais tarde, encontrando-me em outra sala apinhada, cheia de vozes que se misturavam, fui novamente forçado a escolher o que iria ouvir em meio a vários sons destoantes. Dessa vez, não ouvi uma bela música, mas veio-me à mente o pensamento de que muitas vezes na vida nos vemos cercados por diversas vozes, algumas das quais pregam conceitos falsos como, por exemplo, “comei, bebei e alegrai-vos, porque amanhã morreremos”. (2 Néfi 28:7) Outras vozes são vulgares e pungentes, tentando-nos impudentemente a experimentar algo novo, como a nova moralidade, que nada mais é do que a velha imoralidade.

No entanto, mesmo em meio a essas mensagens ruidosas e conflitantes, se decidirmos escutar com atenção, ouviremos o suave som de uma voz celestial. Podemos saber que a voz mansa e suave do Espírito é tão real quanto a bela melodia de um violino bem tocado. □





NAS ASAS DA FÉ

Viki A. Groberg

ILUSTRADO POR GREG NEWBOLD

Minha família estava viajando de avião de Buenos Aires, Argentina, para uma cidade no norte do país chamada Posadas. Eu tinha 15 anos, e apesar de já ter viajado de avião, não estava acostumada a viajar em um avião tão pequeno quanto aquele. Ele tinha lugar para cinquenta pessoas e devia ter por volta de cinquenta anos. Senti um calafrio na espinha ao pensar que poderíamos cair, mas afastei essa idéia da mente. O avião trepidava um pouco, e eu também, mas não me sentia completamente aterrorizada porque estava com minha família.

Quando começamos a cruzar um grande lago, o avião começou a sacudir e balançar bastante. De repente, vi-me dominada pelo medo que vinha tentando controlar. Fechei os olhos e quase instintivamente fiz uma oração. Tinha aprendido a orar sempre que tivesse um problema.

Ao pedir que o Pai Celestial me protegesse, senti uma tranqüila certeza de que nada de mal iria acontecer. Abri os olhos e olhei pela janela. Estava amanhecendo e, durante minha oração, a luz do sol e o lago mesclaram-se, tornando o céu e a água de um azul profundo, tingidos de pequenas pinceladas de branco celeste. Era uma das mais belas paisagens que eu já havia contemplado. Todo meu medo desapareceu, e as nuvens que haviam

feito o avião sacudir pareceram-me os braços carinhosos do Pai Celestial.

Sentindo-me segura, passei a observar a água e o céu, imaginando as terríveis tempestades que neles deviam ocorrer. Pensei a respeito de minha própria vida, com todos os problemas diários, ou tempestades, que sempre tenho de enfrentar.

Apesar de ter nascido na Igreja, nunca havia percebido até então a grande influência que o Pai Celestial tem sobre nossa vida. Naquele momento, tive a certeza de que Ele realmente nos proporciona um meio de escaparmos das tempestades do mundo. Compreendi que orando e agarrando-me à barra de ferro, conseguiria erguer-me acima das tempestades e alcançar as alturas espirituais nas quais poderia sentir Seu amor.

Eu havia orado todos os dias de minha vida, desde quando aprendera a orar, sem nunca ter tido a certeza de que minhas orações eram ouvidas. Naquele dia, porém, voando sobre a Argentina, uma simples oração abriu-me os olhos. Esse novo entendimento foi apenas o ponto de partida, mas ajudou-me a compreender o quanto sou amada pelo Pai Celestial. Esse é um dos muitos motivos pelos quais sei que Ele vive e que devo sempre dirigir-me a Ele em oração. □

Suficientemente Quieto para Ouvir

Nome omitido

O pesadelo começou com um telefonema. Uma voz bondosa do outro lado da linha informou-me que nosso filho de 15 anos estava envolvido com drogas e bebidas alcoólicas já havia algum tempo. Fiquei muito chocada.

Levamos nosso filho ao departamento regional de saúde e fizemos com que se submetesse a exames para detecção de uso de drogas. O nível encontrado em seu sangue foi o maior que já havia sido medido naquele departamento. No final da semana, nós o inscrevemos em um programa local de reabilitação. Seis semanas mais tarde, ele foi liberado, e pensamos que o pesadelo havia terminado. Era, porém, apenas o início. Dois meses depois, ele foi preso na escola por posse e venda de maconha. Nos meses e anos seguintes, ele foi preso muitas vezes por uso de droga. Em um único ano, foi preso dez vezes. Por fim, acabou sendo condenado a seis meses de prisão.

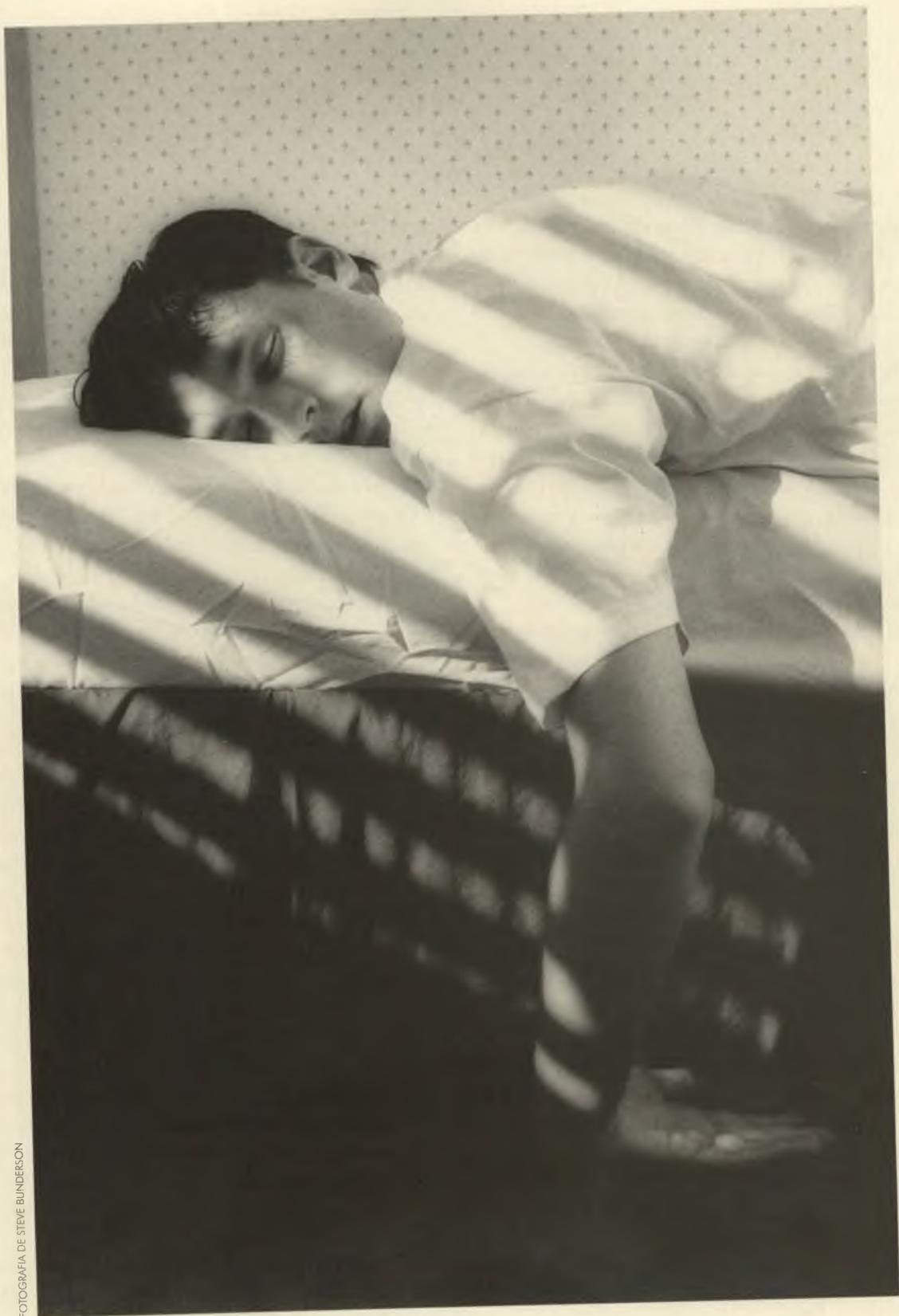
Todos os domingos, depois de visitarmos nosso filho na cadeia, íamos de carro até o local em que na época estava sendo construído o templo em nossa cidade. Sentávamo-nos ali e chorávamos. Como era possível que isso estivesse acontecendo?

Orei muito por meu filho. Coloquei seu nome na lista de orações do templo. Jejuava por ele todos os domingos e não apenas no domingo de jejum. Quando ele saiu da cadeia e passou a morar fora de casa, convidava-o para jantar todas as segundas-feiras e para todas as atividades da família.

Senti que deveria orar para que alguém que ele respeitasse viesse a fazer parte de sua vida. Veio-me então à



Numa manhã de segunda-feira, enquanto orava, tive um forte sentimento de que deveria pedir ao Pai Celestial que fizesse meu filho ter um sonho especial, pois somente quando estava dormindo ele ficava quieto o suficiente para ouvir. As palavras específicas foram-me sussurradas à mente. Fiquei espantada. Não tinha certeza se havia compreendido corretamente o que sentira. Será que eu podia pedir algo assim?



FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON

mente o nome de um de seus professores da Primária, que era policial, e que eu havia encontrado recentemente ao término de uma conferência de estaca. Contei-lhe a respeito de meu filho e sobre o sentimento que tivera. O policial imediatamente prontificou-se a ir visitá-lo.

Dois dias mais tarde, eu estava sentada junto à máquina de costura, quando vi em minha mente o policial de pé em uma sala, abraçando meu filho. Lágrimas corriam dos olhos de ambos. Olhei para o relógio. Eram duas e quinze da tarde. Quando o policial me telefonou naquela noite, disse-lhe que sabia que havia visitado meu filho às duas e quinze daquela tarde. Ele confirmou ter ido onde eu não teria sido bem recebida. Minha alma encheu-se de gratidão.

Daquele momento em diante, senti o coração cheio de uma vigorosa certeza espiritual. Percebi que minhas orações haviam sido ouvidas e que profundas bênçãos espirituais resultariam de minha contínua fidelidade e diligência.

Numa manhã de segunda-feira, enquanto orava, tive um forte sentimento de que deveria pedir ao Pai Celestial que fizesse meu filho ter um sonho especial, pois somente quando estava dormindo ele ficava quieto o suficiente para ouvir. As palavras específicas foram-me sussurradas à mente. Fiquei espantada. Não tinha certeza se havia compreendido corretamente o que sentira. Será que eu podia pedir algo assim? No entanto, depois de ter o mesmo sentimento por mais duas vezes, obedeci. Ajoelhei-me para orar e fui inspirada a pedir especificamente que meu filho tivesse uma viva lembrança de toda a sua culpa e sentisse o peso de seus pecados, mas também soubesse imediatamente que o Salvador o amava e o queria de volta.

Passou-se algum tempo. Então, numa noite de verão, meu filho veio visitar-nos. Parou junto à porta, sem saber se era bem-vindo. Disse-nos que tivera uma entrevista com o bispo e que desejava servir como missionário! Corri para ele e abracei-o, e ambos choramos juntos. Por quase duas horas, ele descreveu o sofrimento pelo qual havia passado e implorou-nos que o perdoássemos.

Meu marido, que ficara muito magoado, não acreditou

a princípio. Depois de muitas horas de conversa, nosso filho estendeu a mão, tocando o joelho do pai, e pediu-lhe uma bênção paterna. Testemunhei um segundo milagre naquela noite, quando meu marido ficou com os olhos cheios de lágrimas e seu coração abrandou-se imediatamente.

Algum tempo depois, pediram a meu filho que falasse em uma reunião de liderança, contando a respeito de sua volta à Igreja. Na reunião, ele ergueu-se e disse: "Certa noite, tive um sonho, no qual me lembrei claramente de todas as minhas faltas. Senti o peso de meus pecados, mas soube imediatamente que o Salvador me amava e queria que eu voltasse".

Chorei de emoção. Soube então, como nunca havia sentido, que o Pai Celestial não apenas atendera a minha sincera oração e jejum, mas também, em Sua misericordiosa sabedoria, ensinara-me o que eu deveria pedir na oração.

Dezoito meses mais tarde, meu filho foi chamado para servir como missionário. Havia quase 500 pessoas na reunião sacramental! Alguns amigos viajaram do Havaí, trazendo um *lei* verde trançado. Explicaram que aquele *lei* era um adorno que os nativos colocavam nos guerreiros vitoriosos que retornavam triunfantes da batalha. Pediram-lhe que usasse o *lei* durante seu discurso.

No entanto, quando meu filho levantou-se para fazer seu discurso, não estava usando o *lei*. Fiquei preocupada, achando que nossos amigos ficariam magoados. Então, quase no final do discurso, ele apanhou o *lei* e explicou a tradição a ele associada. Disse que se sentia como um guerreiro que partia para uma batalha em prol da verdade, mas que havia outra pessoa presente que era a verdadeira guerreira, tendo lutado uma batalha muito árdua e vencido. Virou-se para mim e tomando-me pela mão conduziu-me até junto dele e colocou carinhosamente o *lei* em volta de meu pescoço.

Sei com toda a certeza que os pais de Sião possuem o grande poder de estender a mão e trazer de volta seus filhos perdidos, com a ajuda do Pai Celestial. "Porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado." (Lucas 15:24) □

UMA SÓ VEZ PODE FERIR



FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON

BRINCAR COM O PECADO É COMO BRINCAR COM FOGO. NÃO VÁ SE QUEIMAR.
(VER D&C 1:31-33)

UM SONHO QUE SE TORNA REALIDADE EM HONG KONG



Kellene Ricks Adams

FOTOGRAFIA DO TEMPLO DE HONG KONG DE CRAIG DIMOND;
FOTOGRAFIA DO HORIZONTE DE HONG KONG DE YOICHIRO MIYAZAKI/FPG INTERNATIONAL CORPORATION

A dedicação do Templo de Hong Kong é uma realidade, para alegria de muitas pessoas que nunca haviam sonhado ter uma casa do Senhor assim tão próxima.

Jill Lam, de cinco anos, riu envergonhada quando a mãe lhe pediu que abençoasse o alimento. Ela não estava acostumada a orar na frente de visitas. Levantou-se, hesitante, para fazer uma breve oração.

Gaguejou nas primeiras palavras,

sabendo que estava na presença de pessoas que não eram da família. “Agradecemos pelo alimento”, murmurou ela, rapidamente. “Pedimos que o abençoe.”

Em seguida, Jill fez uma pausa. Apesar da ansiedade em terminar a oração, havia outro desejo ainda



mais forte. Era um desejo compartilhado pela família e que fora mencionado em todas as orações durante o ano anterior. “E Pai Celestial, abençoa-nos para que o templo fique pronto logo, e que sejamos dignos de entrar nele um dia”, concluiu Jill, de um só fôlego.

A comovente oração de Jill foi compartilhada por milhares de membros da Igreja de Hong Kong, desde outubro de 1992, quando o Presidente Gordon B. Hinckley, que na época era Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, anunciou a construção do Templo de Hong Kong. Essas orações foram grandiosamente

respondidas quando o Presidente Hinckley, como Presidente da Igreja, dedicou o Templo de Hong Kong, nos dias 26 e 27 de maio de 1996.

A PÉROLA DO ORIENTE

Hong Kong, território britânico apelidado de a Pérola do Oriente, localiza-se na costa sudeste da China continental, na foz do rio Pérola. É um lugar incomparável e densamente povoado, com mais de seis milhões de habitantes. O território foi criado há quase um século, quando a China arrendou os Territórios Novos, uma porção de quase 960 quilômetros

quadrados da China continental, para a Grã-Bretanha por 99 anos. Juntamente com a ilha de Hong Kong e a península de Kowloon, duas áreas de aproximadamente 90 quilômetros quadrados conseguidas pela Inglaterra em tratados anteriores com a China, toda a região passou a ser chamada de Hong Kong. No início, essa região, que inclui um dos ancoradouros naturais mais profundos do mundo, servia de porto de comércio entre a Inglaterra e a China. Posteriormente, a Pérola do Oriente transformou-se em um centro internacional comercial e financeiro.



Neste ano, no dia primeiro de julho de 1997, a pequena pérola será devolvida à China, ao expirar o arrendamento de 99 anos feito pela Inglaterra, dando fim a uma era e iniciando outra, na qual os quase seis milhões de habitantes de Hong Kong serão reunidos a mais de um bilhão de pessoas que vivem nas províncias, regiões e municipalidades da China.

VISLUMBRANDO A ETERNIDADE

Os santos de Hong Kong têm muito em comum com outros santos dos últimos dias do mundo inteiro. Esforçam-se por ser obedientes, orar, ler as escrituras e ajudar outras pessoas. No entanto, a cultura chinesa apresenta algumas dificuldades incomuns. A grande maioria dos habitantes de Hong Kong são budistas e taoístas. Até há poucos anos, muitos

chineses de Hong Kong não tinham sequer ouvido falar de Jesus Cristo.

Outro desafio enfrentado pelos santos chineses é ter seu tempo quase inteiramente tomado pelos afazeres diários. As crianças começam a escola aos três anos de idade e quando se formam no curso secundário enfrentam uma competição acirrada para conseguirem prosseguir os estudos. Muitos alunos passam de três a cinco horas estudando todas as noites e até mais tempo nos fins de semana.

Quando entram no mercado de trabalho, muitas pessoas em Hong Kong trabalham seis dias por semana, não sendo incomum trabalharem sete dias. Apesar de as condições econômicas estarem melhorando, o sustento diário, a aquisição de bens essenciais e a carreira profissional ainda são preocupações básicas.

O evangelho, que ensina princípios de importância eterna, proporciona um entendimento reconfortante para os membros chineses. Esse entendimento dá-lhes paz e orientação neste momento em que os membros de Hong Kong se preparam para um futuro incerto.

Como a Igreja é relativamente recente em Hong Kong, a maioria dos membros são conversos de primeira geração, e muitos deles são os únicos membros da Igreja na família. Esses membros, que geralmente se sentem solitários, compartilham algo que os une, sendo pioneiros em sua terra e entre seus familiares.

Dois desses pioneiros são Linda Choi e Castle Chan, um dos primeiros noivos a casarem-se no Templo de Hong Kong. O irmão Chan filiou-se à Igreja há seis anos, depois de conversar com os missionários em



FOTOGRAFIA DE CRAIG DIAMOND



Extrema esquerda: A sala celestial do Templo de Hong Kong. **À esquerda:** Tam Yuk-kuen com sua mulher, Tam Li-chun, e seus filhos, Man-chu e Siu-yau (no carrinho). **Abaixo:** Shek Wal-sze e Ho Cecilia, estudantes do seminário. **Página 36:** Kan Joe, presidente do Primeiro Ramo de Tolo Harbor, Estaca Hong Kong Tolo Harbor.

uma exposição de rua. Seus pais e irmãos sempre lhe foram extremamente importantes; ao ouvir a mensagem dos missionários, desejou fazer parte da família eterna de que falavam. Infelizmente, nenhum de seus familiares interessou-se em conhecer a verdade que ele havia descoberto.

Três anos e meio mais tarde, porém, ele conheceu Linda. Ela aceitou as palestras e foi à Igreja com ele. “Desde o começo fiquei impressionada com a atitude de Castle em relação a sua família”, diz ela. “Ele era tão diferente dos outros homens, que se preocupavam apenas com coisas materiais, dinheiro e posses. Castle concentrava-se nas coisas que realmente importavam. Ele freqüentemente falava sobre a unidade familiar eterna, e era isso que eu queria. Se ele encontrara tudo isso naquela religião, eu desejava conhecê-la.”

Como estudante de enfermagem, Linda pôde observar a reação de maridos, mulheres e familiares nos momentos de doença e outras dificuldades. “Alguns pacientes ficam todo o período de sua internação sem receber qualquer visita”, diz ela. “Não têm ninguém que se importe com eles. Algumas pessoas com quem trabalho são divorciadas e não dão importância à família. Muitas



vezes, a diversão e os bens materiais são suas prioridades. Eu desejava mais do que isso.”

Depois de alguns meses, Linda foi batizada. Hoje, usando D&C 88:119 como guia, ela e Castle estão dando início à “família eterna” que ambos desejavam. “Queremos uma casa de oração, uma casa de jejum, uma casa de fé, ensino, glória, ordem — uma casa de Deus”, explica Castle. “Quando o marido e a mulher são da mesma igreja, compartilham os mesmos princípios religiosos e têm metas em comum. Há um ditado que diz: Se você compartilhar sua felicidade com alguém que ama, ela dobrará. Se compartilhar suas tristezas, elas serão divididas pela metade. Esta é nossa meta: compartilharmos nossa felicidade e nossas tristezas”.

“GRAÇAS À IGREJA”

Compartilhar tristezas é algo que fortaleceu Lee Hing Chung e sua mulher, Kumviengkumpoonsup. Há seis anos, ele perdeu o braço em um acidente de trabalho. Sentiu-se muito desanimado por estar doente e sem emprego. O apoio da mulher, filhos e outros membros ajudaram-no a suportar esses momentos difíceis.

Hoje, com um brilho de esperança nos olhos, ele fala do presente e do futuro, incluindo o selamento a sua mulher e filhos no Templo de Hong Kong. “Antes de nos filiarmos à Igreja, minha principal preocupação era ganhar dinheiro”, diz ele. “Agora tenho outras prioridades. Existem muitas pessoas no mundo

que têm muito dinheiro, mas não têm amor. Eu encontrei o amor.”

“Muitas pessoas são os únicos membros da Igreja em sua família”, prossegue ele. “Quando assisto às reuniões da Igreja no domingo com minha família, sinto-me muito grato por estarmos juntos e por podermos ficar juntos para sempre.”

Enquanto fala, ele aponta para uma fotografia do Templo de Hong Kong pendurada em lugar de destaque na parede. “Estava lendo as escrituras, certo dia, e levantei a cabeça”, conta ele. “A primeira coisa que vi foi aquela fotografia, e tive um forte sentimento de paz vindo do Espírito Santo. Oramos todas as noites para permanecermos unidos como família. A presença do templo lembra-me de que devo procurar ser bom, disciplinado e digno.”

Apesar de não ter ainda encontrado emprego, o irmão Lee está tranquilo a respeito de sua situação. “Existem problemas na vida, sim”, reconhece ele. “Mas tenho fé em Jesus Cristo. Seremos abençoados.”

Além de sua preparação para entrar no templo, a família Lee tem-se dedicado ao trabalho missionário. Um vizinho já se filiou à Igreja, por causa do trabalho missionário da família Lee, e outra família está pesquisando a Igreja. “Os pais disseram ter ficado impressionados com nossos filhos e perguntaram por que eram diferentes”, explica a irmã Lee. “Disseram que nossos filhos tinham respeito uns pelos outros, eram obedientes e cooperativos. Dissemos que eles eram assim graças à Igreja.”

“UM EDIFÍCIO IMPORTANTE”

A Igreja em Hong Kong mudou muito desde a época em que os primeiros missionários lá chegaram, em 1853. Os primeiros élderes permaneceram em Hong Kong por apenas quatro meses. Somente quase um século mais tarde, em 1949, uma missão propriamente dita foi aberta na região. Por volta de 1950, havia oito élderes pregando o evangelho em Hong Kong, mas todos foram transferidos após o início da Guerra da Coreia.

Em 1955, os missionários voltaram ao território. Por volta de 1960 havia 90 missionários estrangeiros e 12 missionários locais de tempo integral servindo na região, e aproximadamente 1.700 membros, distribuídos em oito ramos.

“O templo é um sonho que se torna realidade”, diz o Élder Tai Kwok Yuen, dos Setenta. Tendo nascido e crescido em Hong Kong, o Élder Tai serve em sua terra natal como Presidente da Área Ásia. “Estão ocorrendo mudanças, agora que o templo está aberto e em funcionamento. Os membros estão-se fortalecendo, à medida que um número maior deles recebe as bênçãos resultantes da freqüência ao templo e aprende a importância do sacrifício.”

“Todos os templos são sagrados e importantes, mas este é um templo extremamente importante”, diz o gerente do projeto do templo, Alan Rudolph, que trabalhou no Templo de Johannesburgo, África do Sul, e na restauração do Templo de



FOTOGRAFIA, CORTESIA DA FAMILIA NG



FOTOGRAFIA DE S. TODD ADAMS



FOTOGRAFIA DE KELLEN RICKS ADAMS



No alto: O presidente do Templo de Hong Kong, Ng Kat Hing, e sua mulher, Ng Pang Lai Har. **No alto à direita:** Uma irmã participa de uma atividade da Sociedade de Socorro. **No alto à esquerda:** Ma So Kong e sua mulher, Ma Fong Sou Wai, conversam com Lam Chi Ling e seu noivo, Tsui Chi Ping. **No alto à direita:** Leung Yiu Tong, sua mulher, Leung Kong Ciu Chu, e seu filho, Hok Man, membros da Ala Shay Kei Wan, Estaca da Ilha de Hong Kong.

FOTOGRAFIA DE FLOYD HOLDMAN



Alberta, Canadá. “É um milagre que a construção tenha sido concluída de modo tão rápido. Há menos de três anos, estávamos construindo o andar térreo. Sei que a mão do Senhor participou de sua construção.”

A falta de espaço característica desta terra superpovoada foi em parte responsável pelo desenho singular do Templo de Hong Kong. Construído em um terreno onde antes se erguia um prédio que reunia uma sede de estaca, o escritório da missão e a residência do presidente da missão, o edifício atual tem seis andares, mas apenas os três andares superiores são usados pelo templo.

Existem duas entradas para o edifício. Ambas localizam-se no piso térreo, e uma delas possui um balcão de recomendações. Depois de mostrar uma recomendação atualizada para o templo, os usuários sobem de elevador aos andares do templo. A outra entrada dá acesso às demais dependências do edifício, que incluem o escritório da missão, a residência do presidente da missão, a residência do staff do escritório da missão, a residência do presidente do templo, o setor de distribuição de garments, uma capela e as salas de aula e os escritórios que servem duas alas.

O Templo de Hong Kong favorecerá muito o trabalho missionário. Familiares, amigos, vizinhos e colegas de trabalho fazem perguntas aos membros a respeito do majestoso edifício de granito que leva o nome da Igreja.



FOTOGRAFIA DE TELEGRAPH COLOUR LIBRARY/FPG INTERNATIONAL CORPORATION



No alto: Ensaio do coro que cantou na dedicação do Templo de Hong Kong. No alto à esquerda: Um junco chinês veleja ao longo do porto de Hong Kong. Abaixo: Castle Chan e Linda Choi foram um dos primeiros a casarem-se no recém-dedicado Templo de Hong Kong.

De fato, muita coisa foi realizada desde a época em que o templo estava em construção. “No começo, as pessoas que trabalhavam na construção do templo não tinham uma noção clara do projeto que estavam construindo”, comenta o gerente de projetos assistente, Carl Champagnie.

Estavam apenas fazendo seu trabalho. No entanto, à medida que a



construção progredia, observamos uma mudança na atitude dos operários. Sabiam que aquele era um edifício do qual podiam orgulhar-se."

O presidente da missão de Hong Kong, John Aki, diz que alguns operários até mesmo começaram a pesquisar a Igreja, em parte como resultado de um jantar que lhes foi oferecido pelos rapazes e moças da estaca Hong Kong Kowloon. "Aqueles homens ficaram impressionados com o que sentiram", relata o presidente Aki. "Sabiam que o templo era um edifício importante."

"SERÁ UM TEMPLO DIFERENTE"

Os membros de Hong Kong têm um carinho especial pelo Presidente Gordon B. Hinckley. Sabem muito bem que ele foi o responsável pela escolha do local do Templo de Hong Kong e deu instruções bastante específicas a respeito dos aspectos singulares da construção. Os membros sentiram o amor e a preocupação sinceros que ele tem por eles. Falando a respeito da dedicação do Templo de Hong Kong, o Presidente Hinckley disse:

"É um milagre para mim. É maravilhoso que (. . .) tenhamos um templo do Senhor no grande país da China, onde vive um quarto dos habitantes da Terra.

Estive em Hong Kong várias vezes desde 1960, quando recebi dos líderes da Igreja a designação de cuidar do trabalho na Ásia. Quase choro todas as vezes que me lembro de que temos um templo no grande país da China. Será um templo diferente.

Quero dizer que a ocasião em que senti mais fortemente a inspiração do Senhor em minha vida foi quando viajei para lá a fim de escolher um lugar para a construção do templo. Posso dizer que vi claramente o que precisava ser feito."

"ENTÃO SEREMOS BEM SUCEDIDOS"

Aproximadamente 95 por cento dos habitantes de Hong Kong residem em regiões urbanas, e a cidade inclui literalmente milhares de altos e estreitos edifícios de apartamentos que se projetam para o céu. As ruas estreitas ficam apinhadas, com pessoas andando ombro a ombro, a caminho do trabalho ou de compromissos noturnos. Para essas pessoas atarefadas, provenientes de várias culturas diferentes, o Templo de Hong Kong é uma presença sólida e reconfortante.

O templo terá estado em funcionamento por mais de um ano quando o governo de Hong Kong passar novamente à China, em julho de 1997.

"Como líderes, estamos procurando fazer com que os membros compreendam a importância do templo, não apenas hoje, mas nos anos vindouros", diz o Élder Tai.

Os membros parecem estar compreendendo isso. Além das orações diárias, Jill Lam e sua família (três irmãs, os pais e os avós maternos) possuem mais de 15 cartões postais de diversos templos colados na parede de seu apartamento de 35 metros quadrados, uma residência

de tamanho médio nessa região densamente povoada. Além disso, a mãe e a avó de Jill estão trabalhando juntas para preparar os nomes da família para o trabalho do templo: um esforço que exigiu várias viagens até a China e a Indonésia, e até mesmo uma viagem para Taiwan.

"Fazer o trabalho de história da família muitas vezes significa voltar à província natal", explica Peter Lee, supervisor regional de história da família. "Muitos membros daqui são apenas residentes de primeira ou segunda geração que fugiram de sua terra natal durante as revoluções governamentais; às vezes sofrem muito quando são obrigados a pensar no que passaram e em seus antepassados. Os membros refugiados não trouxeram nada consigo, e muitos registros existentes foram destruídos durante as várias ocupações e revoluções.

Por isso, estamos ensinando a eles quais os recursos que têm a sua disposição aqui em Hong Kong e que dados precisam procurar", explica ele, mencionando que diversos serões de história da família têm sido realizados nas cinco estacas de Hong Kong. Cada unidade também realizou uma apresentação especial na reunião sacramental enfocando a importância do trabalho de história da família.

"Incentivamos os membros a escreverem todas as informações que já possuem", diz ele, "e a visitarem um dos três centros de história da família que temos aqui e a conversarem com seus parentes. Por fim, se não conseguirem encontrar nada, podem pelo menos começar

com sua própria família. Precisamos de paciência, oração e tempo”, conclui ele, “e então seremos bem sucedidos.”

“UMA GERAÇÃO POR VEZ”

Esse enfoque na história da família também fez com que fossem chamados missionários de história da família. Lo Chi Shing e a esposa, Lo Tong Kwok Wan, foram chamados como missionários de história da família há quatro anos. Atualmente, são os primeiros missionários de história da família de área de Hong Kong. Suas responsabilidades incluem treinar missionários de esta- ca, dar aulas de história da família e ajudar os membros a preencher seus formulários de história da família.

“Mas em primeiro lugar, queremos incentivar as pessoas, queremos ensinar os membros a fazerem este trabalho com alegria”, diz o irmão Lo. “É claro que se trata de um trabalho desafiador, mas devemos compreender que os vários dons da Ressurreição não são apenas para nós, mas também para nossos antepassados. Devemos cuidar deles.”

Um ponto essencial é saber por onde começar, observa a irmã Lo, que diz que sua meta como casal missionário é fazer com que todos os membros saibam preencher seu formulário de história da família. “Se necessário, comprometemo-nos a ir preencher os formulários com cada membro”, explica ela. “Faremos uma geração por vez.”

Sem dúvida há mais destaque do trabalho da história da família agora

que o templo está tão próximo. Mas a história da família não é algo novo para os membros de Hong Kong. Muitos membros enviaram seus nomes ao Templo de Taipei Taiwan por vários anos. Esses nomes estão agora sendo mandados ao Templo de Hong Kong. “Prevemos que pelo menos 50.000 novos nomes sejam enviados ao templo nos próximos meses pelos membros, para que o trabalho seja feito aqui”, diz Stephen Lee, registrador do Templo de Hong Kong.

“PATRICK CUIDARÁ DE VOCÊS”

Patrick Wong já submeteu mais de 30 gerações de sua família. Servindo atualmente como Autoridade de Área, o Elder Wong tem frequentemente a oportunidade de prestar testemunho da importância do trabalho do templo.

“Fui batizado aos 16 anos de idade”, diz ele, “sendo o primeiro de minha família. No entanto, como raramente ocorre com os conversos de primeira geração, a maioria de minha família filiou-se à Igreja, inclusive meus pais e um irmão mais novo e minha irmã. Mas apesar de sua conversão, meus pais nunca foram selados devido a problemas de saúde de minha mãe.

Em 1988, quando minha mulher e eu estávamos morando na Austrália, meu pai morreu. Um ano mais tarde, minha mãe faleceu. Quando voltamos a Hong Kong para o funeral, concordamos que precisávamos fazer o trabalho do templo por meus pais. Meu irmão mais novo voluntariou-se

para fazê-lo no templo de Taiwan.

Dois meses depois, minha mulher teve um sonho no qual viu minha mãe, que parecia muito infeliz. ‘Vovó, porque está tão triste?’ perguntou ela. ‘O irmão de Patrick prometeu cuidar de mim, mas não o fez.’ ‘Não se preocupe, vovó. Patrick vai cuidar de vocês’, prometeu minha esposa.

Acreditem ou não, eu não compreendi o significado daquele sonho quando minha mulher o contou para mim”, diz o Elder Wong. “Mas duas semanas depois, ela teve outro sonho, dessa vez com meu pai. ‘Kathy, diga a Patrick que preciso me casar o mais breve possível.’ Quando Kathy me contou esse sonho, finalmente compreendi.

“Liguei imediatamente para meu irmão e perguntei-lhe se havia feito o trabalho do templo por nossos pais. Ele disse que não. Sua mulher havia ficado doente e estava demorando para recuperar-se. ‘Por favor, faça o trabalho, Patrick’, disse ele. Assim sendo, fomos ao templo de Sydney, alguns dias depois, e selamos meus pais.

Sei que esse trabalho é essencial para nossos antepassados”, conclui o Elder Wong, emocionado. “Meus pais queriam muito que o trabalho fosse feito por eles. Os outros antepassados sentem-se da mesma forma. O Templo de Hong Kong faz parte do plano do Pai Celestial. É uma esperança para nós e um símbolo da confiança que o Senhor deposita no povo chinês, aqui e em todo o mundo: um símbolo do futuro da Igreja.” □

“Ser Selado é uma Grande Bênção”

Em 1956, Lee Wing Foon e sua mulher, Lee Kan Shui Tao, filiaram-se à Igreja. “Senti-me um homem totalmente novo depois de ser batizado”, lembra o irmão Lee. Naquela época, porém, as reuniões era realizadas bem longe de sua casa, e eles tinham pouco dinheiro. O Livro de Mórmon em inglês que o irmão Lee comprou custou-lhe o salário de dois dias de trabalho, e o transporte até o local das reuniões era muito caro. Com o tempo, a família Lee deixou de frequentar as reuniões.

“Mas guardei meu Livro de Mórmon em inglês”, diz o irmão Lee, que trabalha atualmente como motorista civil do exército britânico. “Era algo precioso para mim.”

Nesses anos, receberam visitas esporádicas dos missionários. Há três anos, duas sísteres deram-lhes um desafio. “Pediram-me que começasse a ler o Livro de Mórmon”, diz ele. “Até vieram ler comigo, uma vez por semana.”

No entanto, a frequência à Igreja ainda era algo difícil. Há oito anos, a irmã Lee teve um derrame. Ela não consegue mais andar, e o irmão Lee, hoje aposentado, passa a maior parte do tempo cuidando dela. “É difícil

para mim deixá-la sozinha em casa”, explica ele.

Os missionários continuaram visitando a família Lee para ler as escrituras. Em setembro de 1995, o irmão Lee teve uma surpresa maravilhosa. Jerry Wheat, o missionário que o batizara quarenta anos antes apareceu em sua casa junto com os élderes. O Élder Wheat explicou. “Vinha-me perguntando o que teria acontecido com o irmão Lee; quando procurei informar-me e descobri que os missionários o estavam visitando, fiquei muito contente em poder acompanhá-los.”

Quando se encontraram, abraçaram-se como velhos amigos e falaram das coisas que lhes haviam acontecido durante o tempo em que estiveram distantes um do outro. O Élder Wheat voltou posteriormente à casa da família Lee, dessa vez para falar a respeito do templo. “Desafiei-o

a preparar-se para ser selado a sua mulher”, explica o Élder Wheat. “E ele aceitou.”

Desde essa época, o irmão combinou com seus vizinhos e com os membros da ala para que cuidassem de sua mulher enquanto ele assistia às reuniões da Igreja. Com a ajuda dos membros da ala, ele e a esposa assistiram à cerimônia da colocação da estátua do anjo Morôni no alto do templo. Foram selados no Templo de Hong Kong, poucos dias após o começo de seu funcionamento.

“Ser selado é uma grande bênção, que nem todos têm”, diz o irmão Lee. “Sinto imensa gratidão pelos missionários: Os primeiros élderes que me ensinaram, as sísteres que demonstraram enorme compaixão e amor, lendo as escrituras comigo, e os missionários que ainda me visitam hoje. O evangelho é verdadeiro, e o Livro de Mórmon é prova disso.” □



Missionários com Lee Wing Foon e a esposa, Lee Tao Kan Shui.

FOTOGRAFIA, CORTESIA DA FAMÍLIA LEE

FALEI A RE



RESPEITO DE MINHA FÉ

Nina Bazarskaya, conforme contado a Valerie Parker

ILUSTRADO POR ROBERT A. MCKAY



Há poucos anos, participei de uma conferência internacional de professores de inglês, em Zvenigorod, próximo de Moscou, na Rússia. Senti-me apreensiva ao pensar que teria de conversar em inglês com professores que tinham esse idioma como língua materna. Apesar de ter lecionado inglês por vários anos, era minha primeira conferência internacional, e receei que meu inglês não fosse adequado.

Quase no fim da conferência, participei de uma mesa-redonda sobre atualidades na Rússia. Tendo até então procurado evitar falar muito em inglês, sentei-me discretamente em um dos cantos do salão lotado e fiquei ouvindo o debate.

Em dado momento, um professor americano de cabelos grisalhos levantou-se e perguntou: “Que mudanças religiosas ocorreram na Rússia?”

Seguiram-se momentos de silêncio. Ninguém queria responder àquela pergunta, pois expressar sentimentos religiosos ainda era algo incomum em nosso país. Para mim, porém, o silêncio foi difícil de tolerar, porque eu tinha uma resposta. Senti-me compelida a falar.

Apesar de meus receios, levantei-me e expliquei ao grupo, em inglês, que eu viera de uma família religiosa. Muitos de meus antepassados foram sacerdotes, e alguns deles haviam sido mortos nos campos de trabalho de Stalin.

Apesar disso, sempre acreditei em Deus e fiz minhas orações desde

a infância, se bem que não freqüentasse nenhuma Igreja, exceto em viagens de negócios a Moscou, onde não seria reconhecida por ninguém. A partir de 1991, porém, não precisei mais esconder minha fé cristã. Apesar de nunca ter esquecido que antepassados meus haviam sido mortos por acreditarem em Deus, senti que a nova liberdade religiosa na Rússia era algo maravilhoso.

Depois que falei, professores de diversos países manifestaram sentimentos positivos a respeito de minha resposta. O professor que fizera a pergunta era da Universidade Brigham Young, e tornamo-nos bons amigos. Ele falou-me dos santos dos últimos dias, do Livro de Mórmon e do evangelho restaurado.

Mais tarde, alguns alunos da BYU vieram para minha cidade natal de Voronezh a fim de ensinar inglês. Convidei-os a minha casa para aulas de culinária russa, e eles convidaram-me para sua reunião dominical. A reunião impressionou-me profundamente por sua simplicidade, luz e amor mútuo, e passei a freqüentar suas reuniões assiduamente.

Lendo as escrituras e orando, aprendi sobre o arrependimento, o batismo e o dom do Espírito Santo. Fui batizada em Moscou por um estudante da BYU, no dia 15 de dezembro de 1992. Em janeiro de 1993, os missionários deram início ao trabalho missionário em Voronezh. Em fevereiro, meu filho foi batizado. Um ano mais tarde, meu filho batizou meu marido. Graças àquele professor de cabelos grisalhos que plantou as sementes do testemunho, minha família tem hoje uma vida cheia de propósito e alegria, compartilhando o evangelho na Rússia. □

NÃO SÃO AS PALAVRAS DE UM HOMEM

Élder M. Russell Ballard

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Já imaginaram como seria ver Joseph Smith recebendo as grandiosas revelações registradas nas escrituras modernas? Em várias dessas ocasiões, havia mais de dez pessoas com ele. Muitas delas prestaram testemunho do Espírito e das manifestações físicas que acompanhavam essas revelações. Frequentemente mencionavam um brilho e uma brancura que envolviam Joseph.

Por exemplo, quando a seção 76 de Doutrina e Convênios foi recebida, Philo Dibble escreveu que Joseph “parecia envolto por um elemento gloriosamente branco, e seu rosto brilhava como se fosse transparente”.¹ Orson Pratt esteve presente quando a seção 51 foi recebida e testificou que “o rosto de Joseph estava extremamente branco e parecia brilhar”.² Brigham Young testificou: “Aqueles que o conheciam sabiam quando o Espírito de revelação estava com ele, pois seu rosto assumia uma expressão diferente quando estava sob Sua influência. Ele pregava pelo Espírito de revelação e ensinava por meio Dele. Todos que o conheciam percebiam-no imediatamente, pois nessas ocasiões havia um brilho e transparência incomuns em seu rosto”.³

Muitos ficaram impressionados pela fluência com que ele recebia as revelações do Senhor e pelo fato de que,

com exceção de algumas pequenas correções de pontuação e ortografia, elas não precisassem ser corrigidas. Parley P Pratt escreveu:

“Todas as frases eram proferidas lenta e muito claramente, intercaladas por pausas suficientemente longas para que a revelação pudesse ser registrada à mão por um escrevente comum. (. . .) Nunca houve qualquer hesitação, revisão ou leitura de passagens anteriores para manter a coerência do texto; tampouco qualquer dessas revelações precisou ser revisada, ampliada ou corrigida. Tal como eram ditadas, assim permaneciam, até onde testemunhei. E presenciei muitas revelações de várias páginas ditadas por Joseph Smith.”⁴

As pessoas que melhor conheciam Joseph Smith eram as que mais ficavam admiradas desse processo. Ditar aquelas revelações de Deus era algo muito além da capacidade normal e escolaridade de Joseph.

Um dos companheiros de Joseph, um educador, testificou, admirado: “Vi [Joseph e seu escrevente] sentarem-se à mesa e, sem qualquer premeditação, (. . .) produzirem, em frases interrompidas, alguns dos escritos mais sublimes que já encontrei em todos os livros que li”.⁵

A mulher de Joseph, Emma, que era quem melhor o





conhecia, maravilhou-se durante a tradução do Livro de Mórmon, ocorrida pouco mais de três anos antes da maioria das revelações terem sido recebidas em Kirtland, pois Joseph “não era capaz sequer de escrever ou ditar uma carta coerente e bem redigida, muito menos ditar um livro como o Livro de Mórmon” [ou sem dúvida Doutrina e Convênios ou a Pérola de Grande Valor]. Ela testificou: “É algo maravilhoso para mim; maravilhoso e assombroso, tanto para mim quanto para qualquer outra pessoa”.⁶

O testemunho de Emma é semelhante ao de Parley Pratt ao continuar a admirar-se com o processo pelo qual as revelações eram recebidas. Em uma entrevista realizada pouco antes de sua morte, ela disse: “Tenho plena convicção de que nenhum homem poderia ter ditado as palavras dos manuscritos, a menos que fosse inspirado; pois na época em que fui sua escrevente,

[Joseph] ditava para mim por várias horas; e ao voltar de uma refeição ou outra interrupção, ele retomava exatamente de onde havíamos parado, sem precisar olhar o manuscrito nem pedir que lhe fosse lido qualquer trecho. Esse era o modo costumeiro. É improvável que um homem letrado conseguisse fazer algo assim. Para alguém com tão pouco estudo e cultura como ele, isso era simplesmente impossível”.⁷

As revelações de Doutrina e Convênios foram recebidas por meio do poder de Deus, semelhantemente ao modo como o Livro de Mórmon foi traduzido.

Percebem que grande milagre são o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e a Pérola de Grande Valor? Não são livros escritos pelo homem, mas literalmente a palavra de Deus para nós! Como disse o Senhor: “Estas palavras são, não de homens ou de um homem, mas

minhas; (...) Pois é a minha voz que vo-las diz (...)” (D&C 18:34–35). □

NOTAS

1. “Early Scenes in Church History” (Primeiros Eventos da História da Igreja), em B. F. Johnson, *Four Faith Promoting Classics (Quatro Famosos Relatos Inspiradores)* (1968), p. 81.
2. *Millennial Star*, 11 de agosto de 1874, p. 498.
3. *Journal of Discourses*, 9:89.
4. Parley P. Pratt, *Autobiography of Parley Parker Pratt (Autobiografia de Parley Parker Pratt)* (1950), p. 48.
5. *The Ensign of Liberty, of the Church of Christ*, agosto de 1848, pp. 98–99.
6. “Trechos do Testemunho da Irmã Emma”, *Saints Herald*, 1º de outubro de 1879, p. 290.
7. *Ibid.*

De um discurso feito em um serão do Sistema Educacional da Igreja em 6 de novembro de 1994.



Joseph Smith na Cadeia de Liberty, de Greg K. Olsen

Enquanto esteve preso sem justificativas na cadeia de Liberty, no Estado de Missouri, durante o inverno de 1838-1839, o Profeta Joseph Smith recebeu importantes revelações que se encontram registradas atualmente nas seções 121, 122 e 123 de Doutrina e Convênios.



À esquerda: Templo de Hong Kong. Outras fotografias (de cima para baixo): Bispo Edward Ho, Ala Tai Po, Estaca Hong Kong Tolo Harbor; Lo Chi Shing e sua mulher, Lo Tong Kwok Wan, primeiros missionários de história da família (fotografia de Kellene Rick Adams); Lee Chan Yuk-fung, da Ala Shun Lee, Estaca Hong Kong Kowloon Oeste, e seus filhos, Sze-hang e Sai-Hang; um aluno do seminário, Tsang Kon-kwok, da Ala I de Kwai Chung, Estaca Hong Kong Kowloon Oeste.

A Igreja mudou muito em Hong Kong desde que os primeiros missionários lá chegaram em 1853. Uma das mudanças mais significativas foi a dedicação do Templo de Hong Kong em 1996. Ver “Um Sonho que Se Torna Realidade em Hong Kong”, página 34.



97983059